

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Outubro/2016 – Nº 41





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/GMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

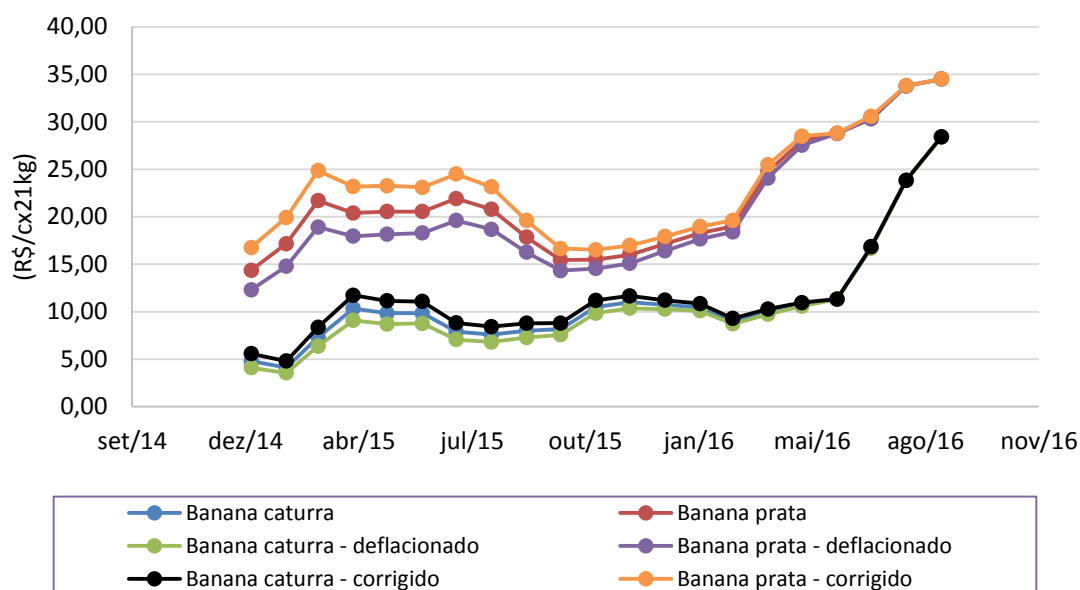
Sumário

Fruticultura.....	7
Banana	7
Grãos	10
Feijão	10
Trigo.....	14
Pecuária.....	18
Avicultura.....	18
Bovinocultura	24
Suinocultura.....	29
Leite	36

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

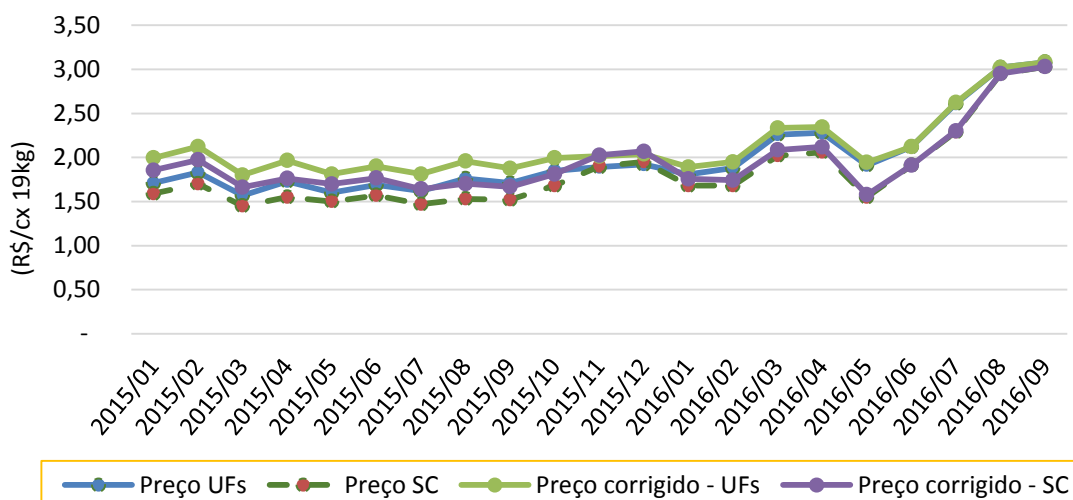


Fonte: Epagri/Cepa

Nota: preços deflacionados e corrigidos (IGP-DI/FGV - set/16=100)

Banana – Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – 2015 a 2016

A cotação do preço mensal deflacionado (sem os efeitos da inflação) da banana-caturra segue tendência de recuperação com forte aumento de 19% entre agosto e setembro. Em agosto e setembro as baixas temperaturas mantêm retraída a oferta da fruta. Os preços mensais da banana-prata diminuem a tendência de aumento com valorização de 11% entre julho e agosto e 2% entre agosto e setembro. A qualidade da fruta segue garantindo a valorização do preço. Na lavoura a produção ainda está reduzida, determinando valorização nos preços.



Fonte: Epagri/Cepa/Epagri e Ceagesp.

Nota: preço corrigido (IGP-DI/FGV set/16=100)

Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – total das UF's e SC - 2016

No entreposto paulista, a oferta da banana catarinense ainda está retraída, com valorização nas cotações. No 1º semestre de 2016 a quantidade da fruta catarinense negociada na Ceasa foi 70% maior do que o volume negociado no mesmo período em 2015. Porém, no 3º trimestre o volume catarinense está 60% menor no mesmo período de 2015. Em setembro de 2016, a participação catarinense representou 5,9% do volume total negociado, ou seja, cerca de 310 toneladas, gerando mais de R\$940 mil no mês, e em 2015 foram comercializadas mais de 600 toneladas no mesmo mês.

Banana – Preço médio ao produtor (R\$/cx 21kg)¹ nas principais praças do Brasil – 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Agosto	Setembro	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	41,58	42,00	1,0
Prata	40,11	23,21	-42,1
Norte de Minas Gerais			
Nanica	41,74	42,00	0,6
Prata	40,43	28,35	-29,9
Vale do Ribeira			
Nanica	42,16	46,41	10,1
Prata	33,71	27,41	-18,7
Vale São Francisco			
Nanica	...	...	...
Prata	36,07	23,42	-35,1

⁽¹⁾ Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21kg.

Fonte: Epagri-Cepa/Epagri, adaptado de Cepea/Esalq/USP.

Em Bom Jesus da Lapa, Vale do Ribeira e Norte de Minas a banana-caturra ainda está com baixa oferta, porém, as cotações altas estão dificultando a negociação da produção no mercado. Todavia, a expectativa é de manutenção dos preços em patamares mais altos para a variedade. Na região Sudeste a banana-prata já apresenta aumento na oferta, mas a variedade ainda está comprometida com a baixa qualidade das frutas decorrente das geadas ocorridas em junho e julho deste ano nas regiões produtoras paulistas. A expectativa é de aumento na produtividade média e dificuldade na comercialização.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 em relação às estimativas da safra 2017

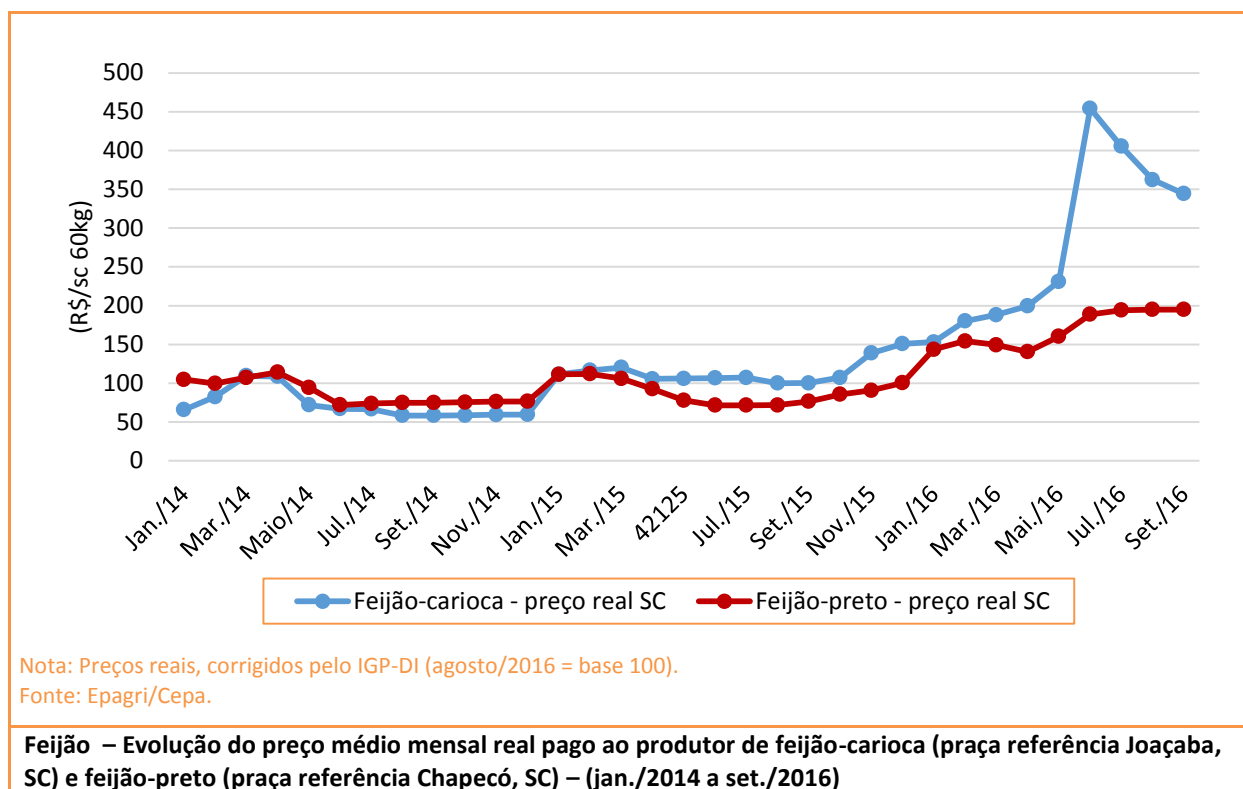
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de banana	Safra anterior – 2015/16			Estimativa inicial – 2016/17			Estimativa atual – 2016/17			Var. estimativa atual/safra anterior (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. Prod.	Rend. médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.254	159.841	37.574	4.253	159.819	37.581	-0,03	0,01	0,04
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.925	122.861	31.302	3.924	122.844	31.306	-0,03	-0,05	-0,02
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.718	354.287	27.857	12.715	354.238	27.859	0,01	-0,02	-0,03
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.093	51.336	10.079	5.092	51.329	10.080	-0,03	12,00	0,06
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	23.646	17.131	1.380	23.643	17.139	-0,04	15,00	-0,06
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.506	73	694	9.507	0,00	-64,00	-0,14
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.557	21.747	1.037	22.554	21.744	-1,03	-0,41	0,62
Total	28.487	735.323	25.813	28.481	735.222	25.814	28.474	735.121	25.817	-0,04	-0,03	0,02

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE e Epagri/Cepa.

Grãos

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Com os preços em queda no mercado atacadista, o preço pago aos produtores também caiu em Santa Catarina. No mês de setembro, o preço médio pago ao produtor pela saca de 60kg do feijão-carioca na praça de Joaçaba foi de R\$344,29, o que representa redução de cerca de 5% em relação ao mês de agosto. Já o feijão-preto segue com preço firme, com preços pagos para a praça de Chapecó de R\$195,00 a saca de 60kg. A tendência é de que com a escassez do produto e com a queda nos preços do feijão-carioca, os preços do carioca e do preto fiquem muito próximos. No mercado atacadista, na última semana de setembro o feijão-carioca extra (nota 9) saiu em torno de R\$290,00 a saca de 60kg, o feijão-preto ficou por volta de R\$270,00 a saca de 60kg. Com o final da terceira safra nos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, o mercado segue em baixa assim como a redução no consumo do carioca. Produto novo no mercado atacadista será encontrado somente a partir da metade de outubro com o início da colheita da safra paulista.

Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) ago./16	Preço (R\$) set./16	Variação mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	362,38	344,29	-4,99
Paraná	373,22	354,81	-4,93
Minas Gerais	375,79	323,14	-14,01
Espírito Santo	340,00	396,67	16,67
Bahia	375,41	349,94	-6,78
Goiás	355,64	313,04	-11,98

⁽¹⁾ Praça de referência: Joaçaba.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 4/10/2016).

Feijão-preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

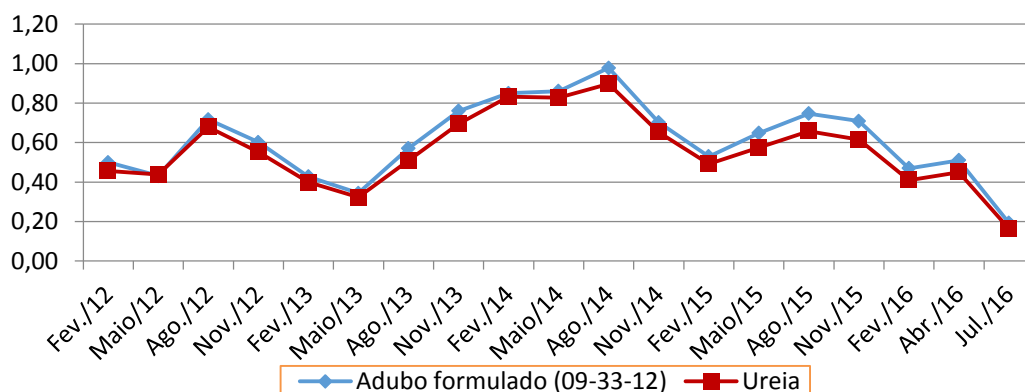
Estado	Preço (R\$) ago/16	Preço (R\$) set/16	Variação mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	195,00	195,00	0,00
Espírito Santo	299,00	328,33	9,81
Goiás	295,00	290,00	-1,69
Paraná	220,67	225,26	2,08
Rio de Janeiro	274,00	276,88	1,05
Rio Grande do Sul	182,07	174,04	-4,41

⁽¹⁾ Praça de referência: Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 4/10/2016).

O preço do feijão carioca continuou em queda no mês de setembro em Santa Catarina. Essa redução foi de 5% em relação ao preço médio praticado mês de agosto na praça de Joaçaba. Na maioria dos estados produtores ocorreu queda nos preços médios mensais pagos aos produtores, com destaque para o estado de Minas Gerais, onde a redução entre os meses de agosto e setembro foi na ordem de 14%.

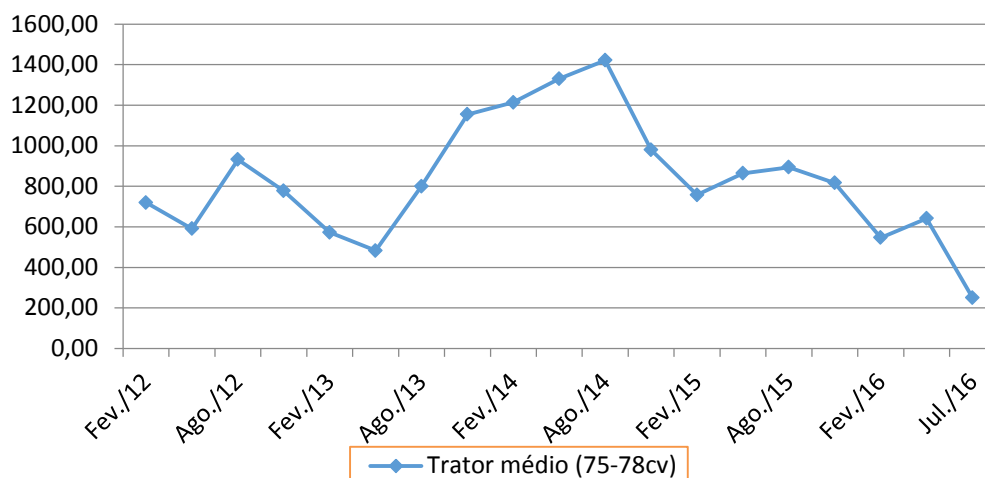
O preço do feijão-preto, apresentou variação no último mês. O estado do Rio Grande do Sul apresentou a menor queda: 4,4% com o preço médio passando de R\$182,07 a saca de 60kg para R\$174,41 a saca de 60kg. Em Santa Catarina, para a praça de referência de Chapecó, o preço da saca de 60kg praticado no mês de setembro foi o mesmo do mês anterior.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Equivalência de preços entre feijão-carioca e principais insumos (fev./2012 a jul./2016)

A relação de troca entre o preço recebido pelos produtores pela saca de 60kg de feijão-carioca e dois dos principais insumos que compõem o custo de produção da cultura nos dá uma boa ideia de como vem se comportando a rentabilidade da atividade. No mês de abril de 2016, para adquirir uma saca de 50kg do adubo formulado (09-33-12) o produtor teve que desembolsar o equivalente a 0,51 saca de 60kg de feijão. Já no mês de julho, a mesma saca de adubo custou o equivalente a 0,19 saca de feijão. De ureia, fertilizante nitrogenado, em abril de 2016 a saca custou o equivalente 0,45 saca de feijão, enquanto em julho a mesma saca custou 0,16 saca de feijão-carioca.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Equivalência de preços entre feijão-carioca e trator médio de 75-78cv (fev./2012 a jul./2016)

A equivalência de troca entre a saca de feijão e um trator médio (75 a 78cv) em abril de 2016 foi de 640,88 sacas de 60kg de feijão-carioca. O mesmo trator, em abril de 2016, poderia ser adquirido por 249,54 sacas de feijão-carioca. Os bons preços praticados para o feijão na safra 2015/16 contribuíram para que as relações de troca entre produto/insumos fossem significativamente favováveis aos produtores.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa inicial da safra 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa inicial safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	150	146	970	148	156	1.054	-1	7	9
Blumenau	328	328	1.000	338	362	1.071	3	10	7
Campos de Lages	9.720	19.541	2.010	9.490	18.251	1.923	-2	-7	-4
Canoinhas	5.570	8.452	1.517	6.700	12.830	1.915	20	52	26
Chapecó	1.746	2.953	1.691	2.185	3.907	1.788	25	32	6
Concórdia	514	527	1.025	415	690	1.663	-19	31	62
Criciúma	354	464	1.312	454	607	1.337	28	31	2
Curitibanos	15.600	27.529	1.765	11.595	23.867	2.058	-26	-13	17
Florianópolis	280	370	1.321	364	480	1.319	30	30	0
Itajaí	19	22	1.158	26	36	1.385	37	64	20
Ituporanga	500	412	824	485	1.158	2.388	-3	181	190
Joaçaba	4.288	7.429	1.733	3.753	7.052	1.879	-12	-5	8
Joinville	28	20	714	28	20	714	0	0	0
Rio do Sul	620	444	716	591	1.475	2.496	-5	232	249
São Bento do Sul	430	540	1.256	300	450	1.500	-30	-17	19
São Miguel do Oeste	992	1.427	1.439	1.082	1.896	1.752	9	33	22
Tabuleiro	970	1.088	1.122	1.393	1.573	1.129	44	45	1
Tijucas	468	621	1.327	660	776	1.176	41	25	-11
Tubarão	1.002	1.357	1.354	986	1.454	1.474	-2	7	9
Xanxerê	4.855	10.521	2.167	5.335	11.960	2.242	10	14	3
Santa Catarina	48.434	84.190	1.738	46.328	88.999	1.921	-4	6	11

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (set./2016)

A primeira safra de feijão 2016/17 deve contar com área plantada um pouco menor em comparação com a safra anterior. Essa expectativa confirma o comportamento histórico da cultura em nosso estado, que, a cada ano, vem perdendo espaço para outras culturas. Nos últimos 10 anos Santa Catarina perdeu cerca de 78% de sua área de feijão, e esse cenário não é diferente para a próxima safra. A tendência é reduzir 4% na área plantada, com aumento em produção na ordem de 6%, e em rendimento 11%. Nos últimos anos, boa parte dos produtores tem optado por substituir os cultivos de feijão por soja ou milho, comportamento este que tem sido comum na maioria dos estado brasileiros produtores de grãos.

Com plantios programados para iniciar em setembro, e em não havendo nada que atrapalhe o bom andamento da safra, os preços do feijão devem seguir um comportamento cíclico de queda entre os meses de dezembro e fevereiro. Isso acontece pela redução no consumo nesta época do ano, quando temos férias escolares, festividades natalinas e encerramento do ano civil. A previsão dos meteorologistas é de que a safra 2016/17 seja climatologicamente influenciada pelo fenômeno *La Niña*, com clima ameno e bom regime hídrico, condição que deverá contribuir para a redução dos riscos de excesso de chuvas, sobretudo na época da colheita.

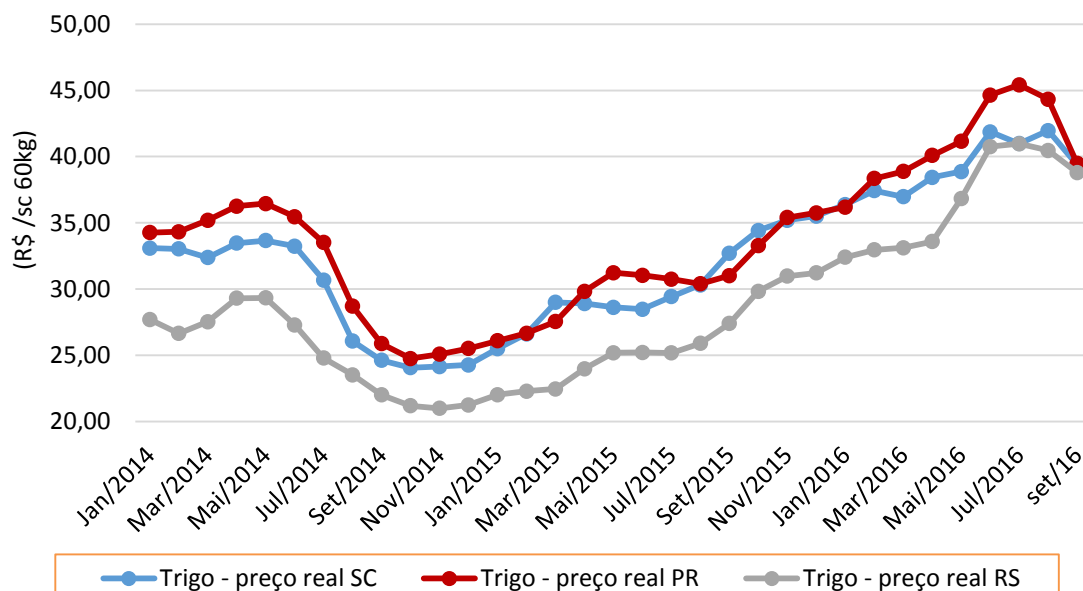
Na última semana de setembro e nesta primeira semana de outubro o tempo seguiu sem chuva, com madrugadas e manhãs mais frias, temperaturas entre 10 e 15°C e tardes mais amenas, com temperaturas entre 20 e 25°C. Produtores e técnicos estão muito preocupados, pois com plantios em andamento, a baixa umidade no solo pode prejudicar a germinação e o desenvolvimento da cultura. As chuvas previstas para essas duas semanas que passaram não se confirmaram, e isso preocupa os produtores, que em algumas regiões do Estado interromperam os plantios até a chegada das chuvas, no entanto ainda não se fala em perdas.

Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

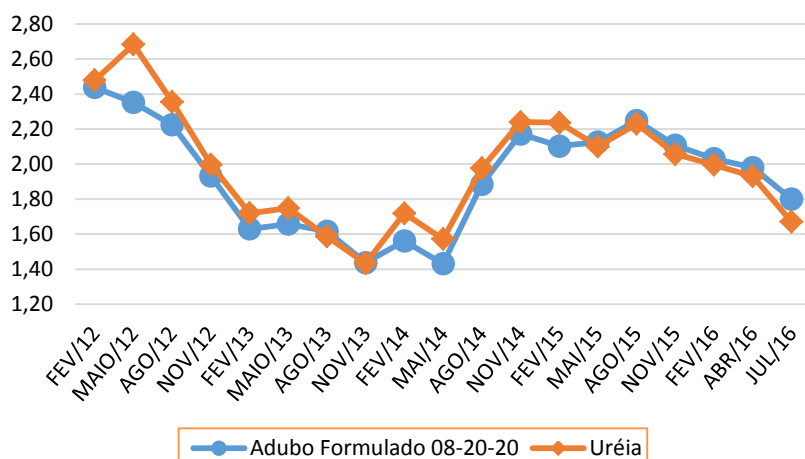


Nota: Preços corrigidos pelo IGP-DI (agosto/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de trigo grão – Santa Catarina (jan./2014 a set./2016)

No mercado do trigo grão, o mês de setembro foi mais agitado que o de agosto. Os compradores voltaram ao mercado, mas os preços pagos aos produtores estão muito próximos ao preço mínimo fixado pelo Ministério da Agricultura para a região Sul, que é de R\$38,65/saca de 60kg. Em setembro o preço pago ao produtor em Santa Catarina pela saca de 60kg foi de R\$39,39, cerca de 6,12% menor do que o preço médio praticado no mês de agosto. No Rio Grande do Sul e no Paraná a saca de 60kg de trigo grão, no mês de setembro, ficou em R\$38,80 e R\$39,49 respectivamente. Essa queda no preço se deve em parte ao avanço da colheita no Paraná, que está com 54% da safra colhida, e no Rio Grande do Sul, com apenas 1% da safra colhida. Em Santa Catarina, cerca de 80% da área plantada já atingiu a fase de floração, e as microrregiões de Curitiba e Joaçaba estão mais atrasadas, com 32% e 52% da área plantada em floração respectivamente.

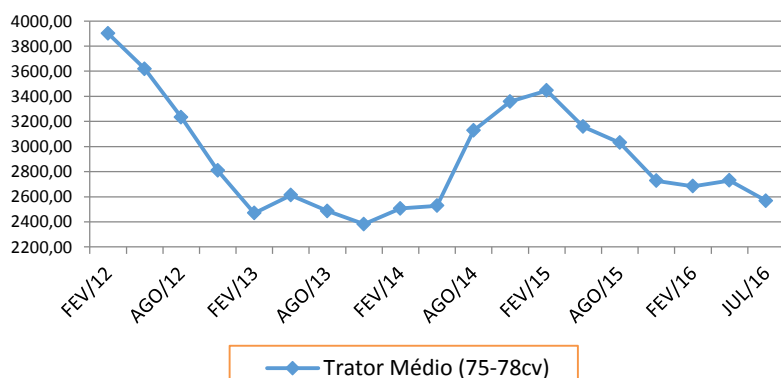


Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Equivalência de preços entre trigo grão e principais insumos (fev./2012 a Jul./2016)

A relação de troca entre o preço recebido pelos produtores pela saca de 60kg de trigo grão e dois dos principais insumos que compõem o custo de produção da cultura nos dá uma boa ideia de como vem se comportando a rentabilidade da atividade. No mês de agosto de 2015, para adquirir uma saca de 50kg do adubo formulado (08-20-20), o produtor teve que desembolsar o equivalente a 2,25 sacas de 60kg de trigo grão. Já no mês de julho de 2016, a mesma saca de adubo custou o equivalente a 0,19

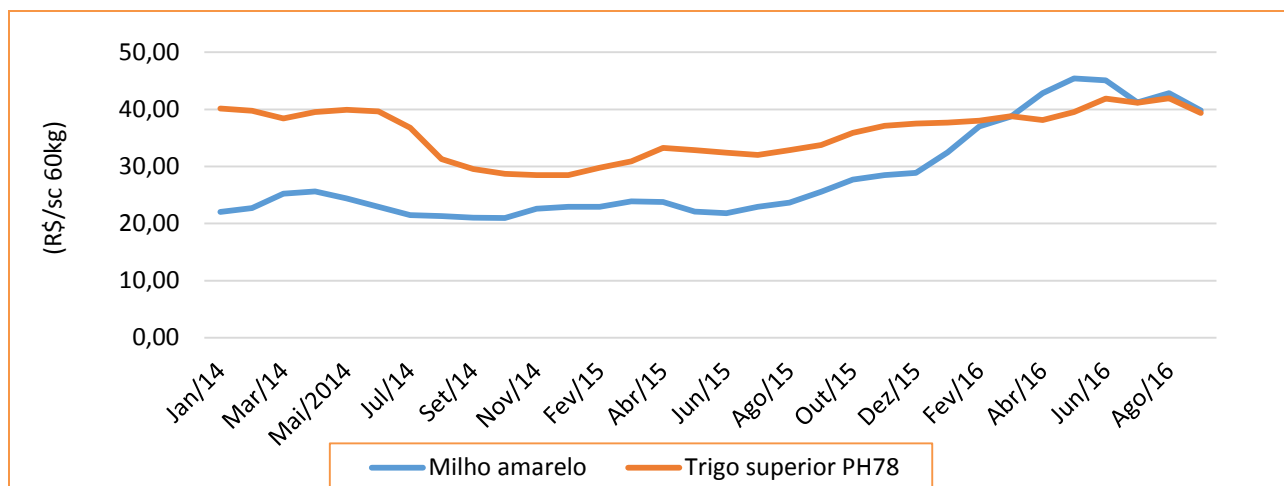
saca de trigo grão. A saca de 50kg de ureia, um fertilizante nitrogenado, em agosto de 2015 custava o equivalente 2,23 sacas de trigo grão, enquanto em julho de 2016 a mesma saca custou 0,16 saca de trigo grão.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Equivalência de preços entre trigo grão e trator médio de 75-78cv (Fev./2012 a Jul./2016)

A equivalência de troca entre a saca de trigo grão e um trator médio (75 a 78cv) em fevereiro de 2015 foi de 3.447 sacas de 60kg de trigo grão. O mesmo trator em julho de 2016 poderia ser adquirido por 2.568,13 sacas de feijão carioca. Os bons preços praticados para o trigo na safra 2015/16 contribuíram para que as relações de troca entre produto e insumos fossem significativamente favoráveis aos produtores.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Relação do preço médio mensal nominal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (jan./2014 a set./2016)

A relação de preço nominal entre o trigo e o milho no Estado permaneceu estável no mês de setembro. O preço médio mensal do milho foi de R\$39,82/saca de 60kg, enquanto o trigo foi de R\$39,39/saca de 60kg, diferença de 1,1% em favor do milho.

Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa Safra 2016/17 ⁽¹⁾			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30,00	54,00	1.800,00	30,00	54,00	1.800,00	0	0	0
Campos de Lages	1.600,00	4.520,00	2.825,00	1.700,00	6.270,00	3.688,24	6	39	31
Canoinhas	17.380,00	26.874,00	1.546,26	14.000,00	42.684,00	3.048,86	-19	59	97
Chapecó	18.050,00	37.749,00	2.091,36	14.685,00	37.633,70	2.562,73	-19	0	23
Concórdia	768,40	2.030,60	2.642,63	710,00	1.904,00	2.681,69	-8	-6	1
Curitibanos	10.783,00	22.473,30	2.084,14	10.648,00	40.942,80	3.845,12	-1	82	84
Ituporanga	550,00	672,00	1.221,82	275,00	738,50	2.685,45	-50	10	120
Joaçaba	6.415,00	12.921,00	2.014,19	4.740,00	17.424,00	3.675,95	-26	35	83
Rio do Sul	110,00	126,00	1.145,45	50,00	121,00	2.420,00	-55	-4	111
São Bento do Sul	220,00	396,00	1.800,00	250,00	750,00	3.000,00	14	89	67
São Miguel do Oeste	4.207,00	6.594,50	1.567,51	3.295,00	8.346,50	2.533,08	-22	27	62
Tijucas	40,00	6,00	150,00	48,00	96,00	2.000,00	20	1500	1233
Xanxerê	15.645,00	41.666,00	2.663,22	12.905,00	40.531,00	3.140,72	-18	-3	18
Santa Catarina	75.798,40	156.082,40	2.059,18	63.336,00	197.495,00	3.118,21	-16	27	51

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (set./2016).

No mês de setembro atualizamos nossas expectativas para a safra 2016/17 de trigo. Com 100% das áreas já semeadas, a expectativa é de que a área plantada chegue a 63.336 hectares, o que representa uma redução de área de aproximadamente 16% em relação à safra 2015/16. Mesmo com redução de área, é esperado aumento significativo na produção de aproximadamente 27%, passando de 156 mil para 197 mil toneladas, com um aumento no rendimento médio de 51%. Até o fechamento deste boletim, as lavouras apresentavam boas condições agrônomicas para seu desenvolvimento.

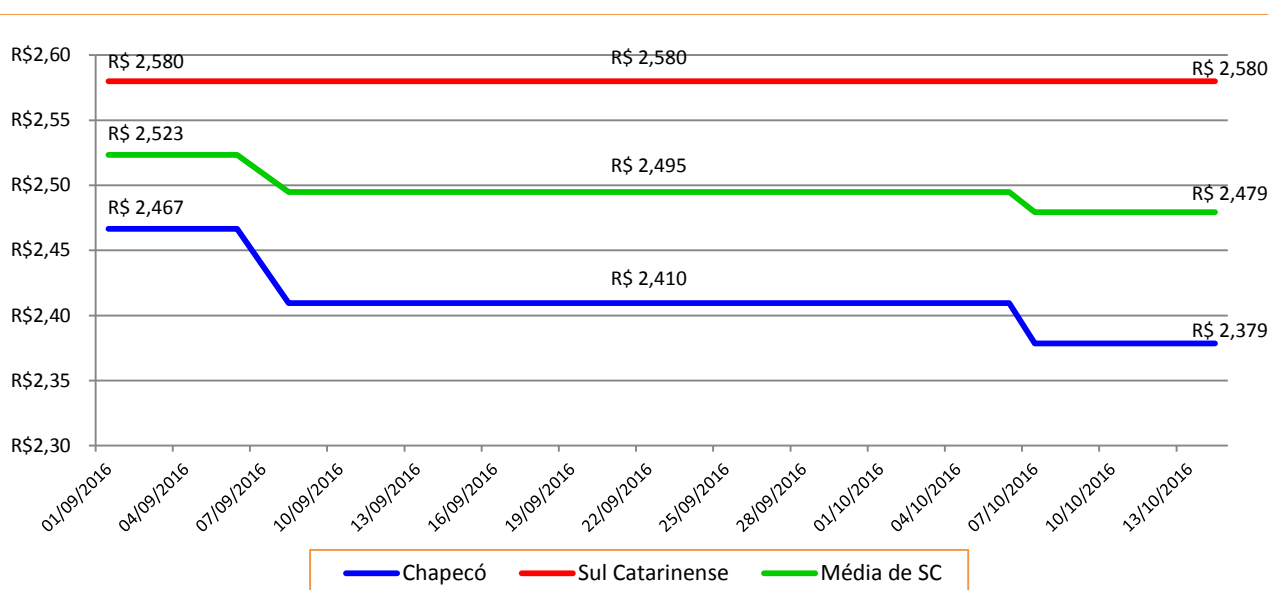
Apesar de ausência de chuvas significativas nas duas últimas semanas de setembro e na primeira semana de outubro, o que tem prejudicado a germinação das sementes das culturas de verão e o desenvolvimento das lavouras de inverno, ainda não se fala em perdas nesse período. Contudo, se as chuvas previstas para o início da segunda quinzena de outubro não chegarem em quantidades satisfatórias, a situação pode ficar preocupante. Segundo informações do Ciram, no mês de outubro é esperada uma frequência e um volume maior de chuvas em relação a setembro, sobretudo na região Oeste, onde a precipitação do mês normalmente supera os 250mm em alguns municípios. É típica, nesta época do ano, a ocorrência de temporais no Estado, com pancadas de chuva forte, raios e granizo. Os temporais são ainda mais frequentes no Oeste, Meio-Oeste e Planalto. Quanto à temperatura, as massas de ar frio não serão tão intensas como as que atingiram o Estado nos meses de outono-inverno, mas ainda serão observadas em Santa Catarina pelo menos até a primeira quinzena de outubro, declinando as temperaturas especialmente na serra e nas áreas mais altas do Meio-Oeste, com geada isolada.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Após uma leve recuperação em meados de agosto, o preço do frango vivo voltou a apresentar quedas em setembro e outubro na praça de Chapecó, conforme evidencia o gráfico apresentado abaixo. A variação no período analisado (1/set a 14/out) foi de -3,57%, concentrando-se principalmente na primeira semana de setembro. Já no Sul Catarinense, os preços se mantêm estáveis desde agosto.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

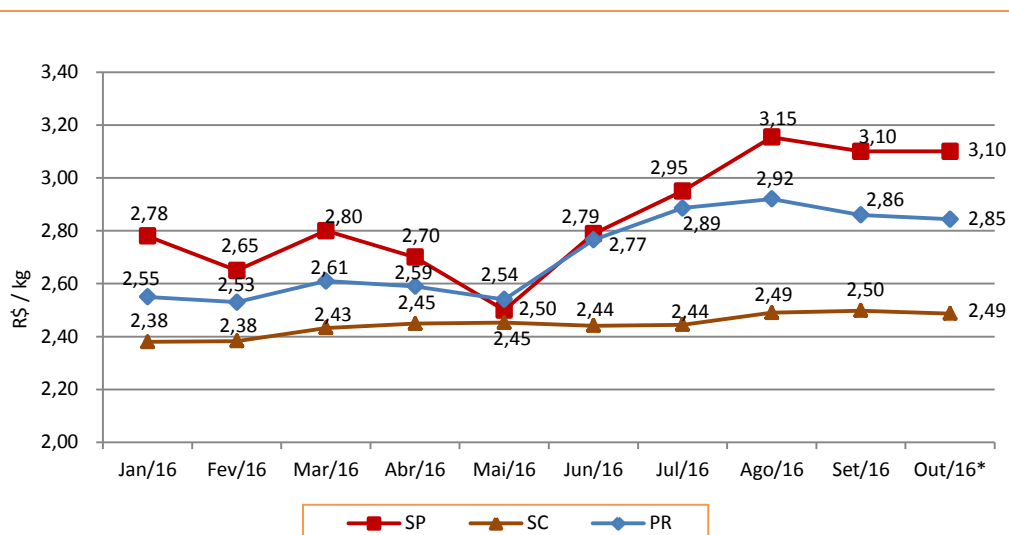
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1º/set. a 14/out./2016

Ao analisar os preços pagos em outros dois importantes estados produtores (São Paulo e Paraná), percebem-se comportamentos semelhantes, embora com intensidades distintas. Esses estados também registraram elevações de preços até agosto, seguidas por quedas no mês de setembro.

O preço médio estadual (preliminar) do frango vivo em Santa Catarina apresenta uma redução de 0,46% no mês de outubro em relação à média do mês anterior. Não obstante tal situação, os preços médios têm-se mantido relativamente estáveis ao longo do ano. Na comparação com janeiro, o preço de outubro é 4,46% superior. Já quando se leva em consideração o mês de outubro de 2015, o preço atual é 20,47% maior.

Diferentemente de Santa Catarina, São Paulo tem registrado diversas oscilações no preço do frango vivo durante este ano. O período de movimento mais constante aconteceu de maio a agosto, quando ocorreram diversos aumentos sucessivos, até que se atingisse o preço médio mais elevado do ano (R\$3,15/kg). Em setembro, observou-se nova queda (-1,72%), fazendo com que o preço baixasse para R\$3,10, valor que se mantém nas primeiras semanas de outubro. Vale destacar que a queda supramencionada ocorreu logo no primeiro dia de setembro, ficando o preço inalterado desde então. Em relação a janeiro, o preço atual é 11,51% superior. Contudo, quando comparado a outubro de 2015, a diferença é de somente 4,03%.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

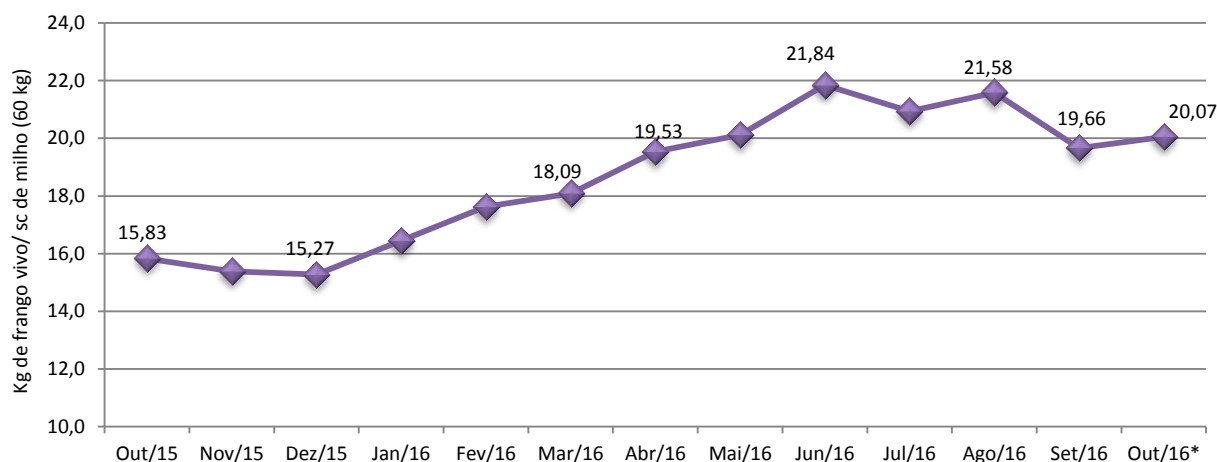
*Os dados para o mês de outubro são parciais, referentes ao período de 1º a 14/out./16.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Jan. a Out./16

de 2,07%, movimento que tem tido continuidade nas primeiras semanas de outubro, quando já se observa queda de 0,34%. Em relação a janeiro, o preço preliminar atual apresenta vantagem de 11,51%. Na comparação com outubro de 2015, a diferença é de 11,78% em favor do preço atual.

No que diz respeito à relação de troca insumo/produto, nos último quadrimestre esse indicador vem apresentando movimentos diversos entre um mês e outro. Após uma queda significativa de 8,9% em setembro, em outubro o índice voltou a subir, atingindo uma variação de 2,06% até o momento.



*Os dados do mês de outubro são parciais, relativos ao período de 1º a 14/out./16.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

Para cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se como referência o preço médio estadual do frango vivo e o preço de atacado do milho da praça de Chapecó, SC. Ressalta-se que os preços de outubro de ambos os produtos são preliminares, podendo ocorrer alterações no decorrer da segunda quinzena. Não obstante as recentes quedas, o valor atual do indicador ainda é 26,76% superior a outubro de 2015. Em relação a janeiro deste ano a diferença é de 21,99%.

Assim como tem sido observado em diversos momentos ao longo dos últimos 12 meses, mais uma vez o fator que contribuiu para a elevação desse indicador foi a variação de preço do milho. Após um pico no início de agosto, as cotações do grão começaram a baixar já na segunda semana daquele mês. Esse movimento perdurou até o início de setembro, quando atingiu R\$49,00/saca (no atacado, praça de Chapecó). Esse valor se manteve durante o restante do mês. Contudo, no início de outubro se registrou pequena oscilação, de aproximadamente 2%.

Um dos fatores que colaboraram para que os preços do milho mantivessem um patamar relativamente elevado, apesar de algumas reduções na demanda decorrente do consumo animal no 2º semestre, foram as cotações internacionais, que permaneceram altas. Tal situação teve como pano de fundo as expectativas do mercado quanto à safra de verão dos Estados Unidos, cuja colheita se iniciou em setembro. Na segunda semana de outubro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês) divulgou seu relatório periódico de oferta e demanda, em que aponta ligeira queda na produtividade (em relação à estimativa anterior) e nos estoques estado-unidenses de milho. Contudo, especialistas avaliam que tais números já eram esperados pelo mercado e não afetaram negativamente as expectativas.

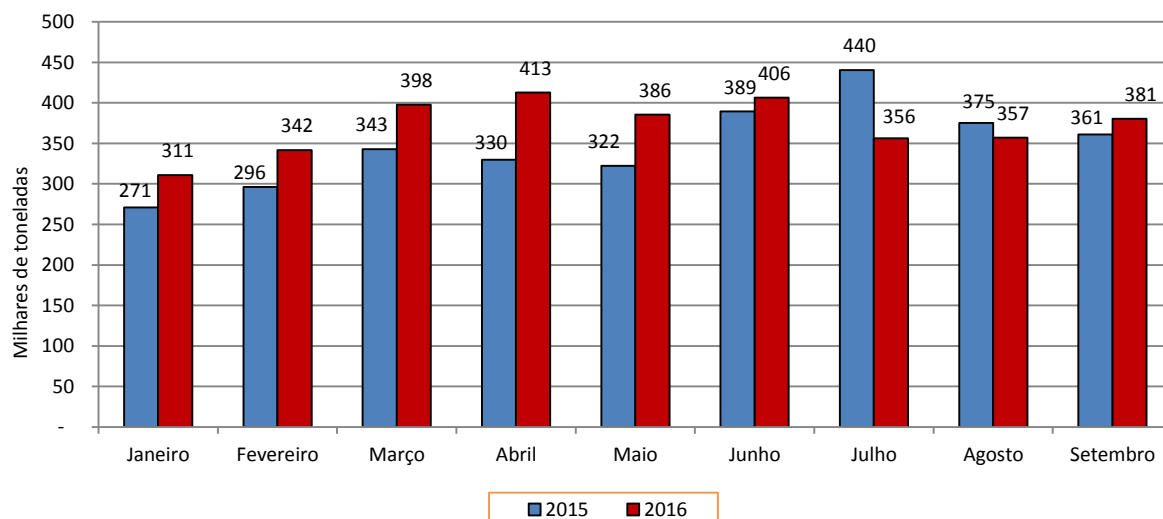
Quanto ao cenário nacional, o 1º Relatório de Acompanhamento de Safra 2016/17 publicado pela Conab aponta que, após quase uma década de declínio, a perspectiva é de que na safra que se inicia haja aumento na área plantada com milho. Segundo a Conab, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho na 1ª safra, na temporada 2016/17, deverá apresentar acréscimo de 5,6% a 11,4% em relação à safra passada.

No caso de Santa Catarina, as projeções iniciais da Epagri/Cepa apontam crescimento de 1,57% na área plantada para milho grão (1ª safra), o que, combinado a um incremento esperado de 7,96% na produtividade, deverá resultar numa produção 9,65% maior. A princípio, o incremento de área pode parecer pouco significativo, mas é necessário ressaltar que se trata do primeiro número positivo registrado para esse parâmetro em mais de uma década.

A manutenção dos patamares de preço do milho, principal componente da ração animal, tem criado dificuldades para o setor em função do aumento nos custos de produção. Especialistas apontam, por um lado, que diversas indústrias têm operado com margens brutas negativas em alguns meses do ano. Por outro lado, no âmbito do consumo, o cenário econômico instável restringe a demanda e dificulta o repasse ao consumidor da elevação dos custos de produção. O que tem possibilitado algum alívio são as exportações, as quais têm servido de canal de escoamento dos excedentes.

Em julho e agosto, as exportações brasileiras de carne de frango apresentaram queda em relação aos meses anteriores, ficando também abaixo do que foi registrado nos mesmos meses de 2015. Contudo, em setembro, observou-se novamente crescimento nos volumes embarcados. Em relação a agosto, o crescimento foi de 6,51% e na comparação com setembro de 2015 a variação é de 5,41%. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, de janeiro a setembro foram exportados 3,25 milhões de toneladas de carne de frango, o que representa aumento de 7,04% em relação ao mesmo período de 2015.

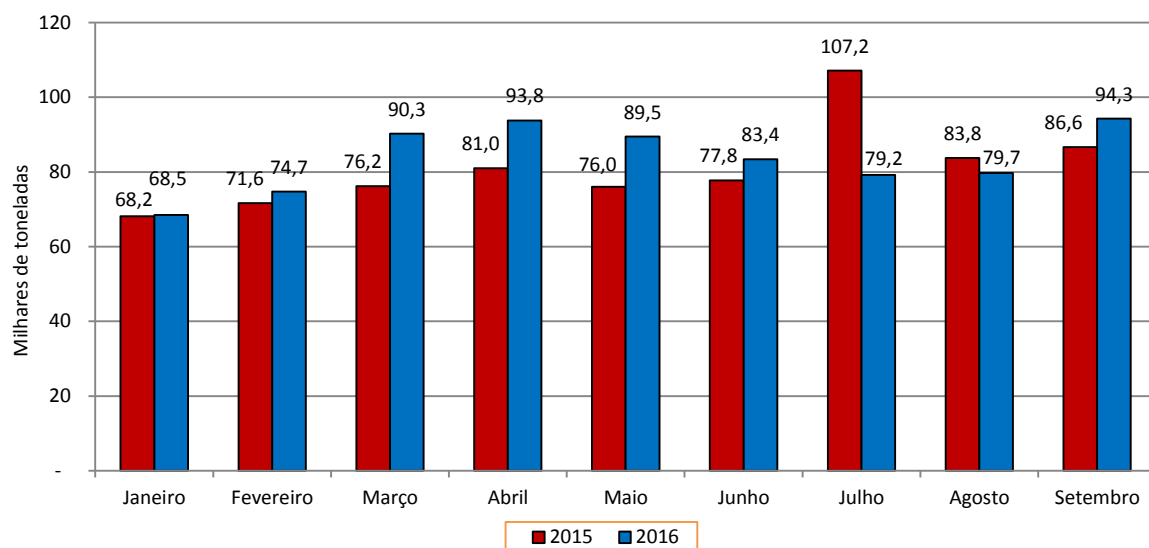
Em termos financeiros, no entanto, o cenário é menos favorável. De janeiro a setembro as receitas geradas pela exportação de carne de frango foram da ordem de US\$5,17 bilhões, o que representa um decréscimo de 3,58% em relação ao mesmo período de 2015.



Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne de frango no período de janeiro a setembro de 2015 e 2016 – Brasil

Não obstante os números favoráveis de setembro, recentemente a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) reduziu as previsões de exportação de carne de frango em 2016. A nova estimativa é de que sejam exportados 4,5 milhões de toneladas, um incremento de pouco menos de 5% em relação a 2015, quando o montante foi de 4,3 milhões de toneladas. As principais motivações apontadas para esse ajuste são a desaceleração do comércio com a China e o menor incentivo do câmbio (em função da valorização do real ante o dólar).



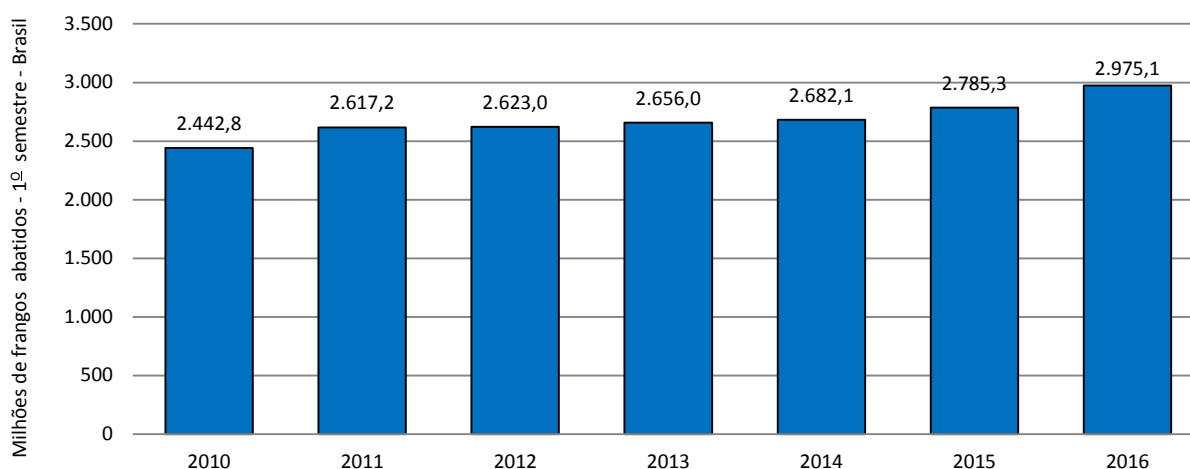
Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne de frango no período de janeiro a setembro de 2015 e 2016 – Santa Catarina

Santa Catarina responde 22,5% do total exportado pelo Brasil nos três primeiros trimestres de 2016, com um montante de 753,6 mil toneladas (um aumento de 3,46% em relação ao mesmo período de 2015). Em setembro Santa Catarina exportou 94,3 mil toneladas, o maior montante do ano e representa aumento de 18,31% em relação a agosto e de 8,88% em relação ao mesmo mês de 2015. Já em termos de valores, de janeiro a setembro o estado exportou US\$1,28 bilhão em carne de frango, uma redução de 6,05% em relação ao mesmo período do ano anterior.

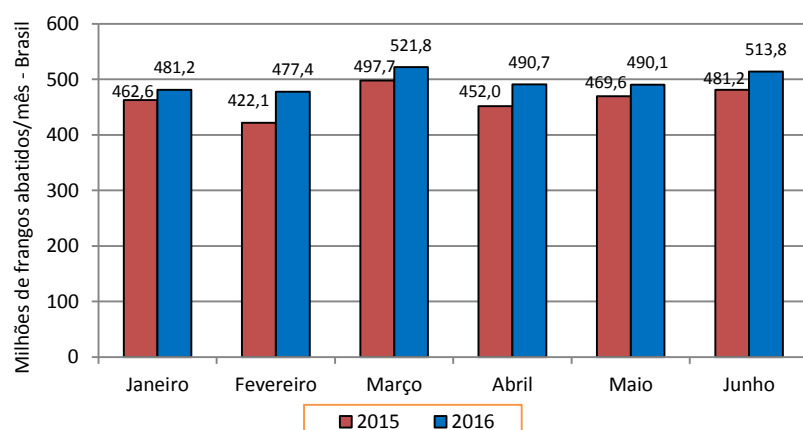
Em fins de 2015, a ABPA projetava crescimento de 3% a 5% na produção de carne de frango em 2016. Contudo, tendo em vista que o cenário econômico do país se manteve instável, bem como em função do acelerado aumento nos custos de produção durante o primeiro semestre, posteriormente a entidade reduziu suas projeções para este ano, passando a estimar uma produção muito próxima à de 2015, ou, no máximo, atingindo crescimento próximo a 1%. Contudo, os dados de abate referentes ao 2º trimestre de 2016, divulgados pelo IBGE em setembro, demonstram que o número de frangos abatidos no país continua apresentando crescimento significativo.

Somando-se os dados dos dois primeiros trimestres, verifica-se que nesse período foram abatidos 2,98 bilhões de frangos, um montante 6,82% superior ao 1º semestre de 2015. Levando-se em consideração os anos de 2010 a 2016, o 1º semestre deste ano apresenta os melhores números de todo o período.



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de frangos abatidos no 1º semestre no Brasil (em milhões) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

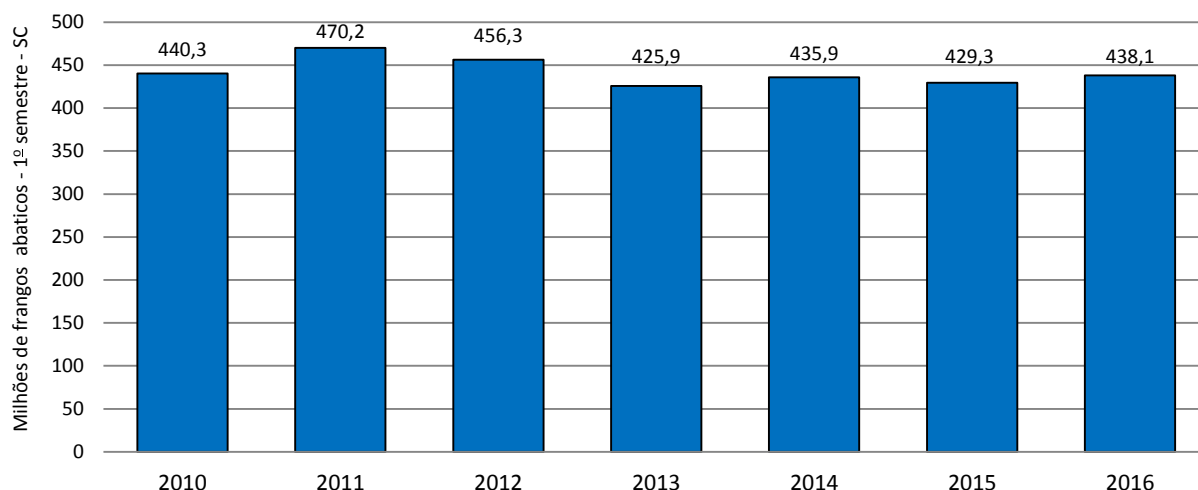
Quantidade de frangos abatidos mensalmente no 1º semestre no Brasil (em milhões) – 2015 e 2016

Ao comparar os abates mensais durante o 1º semestre de 2016 com o mesmo período do ano anterior, verifica-se que em todas as ocasiões os números deste ano são superiores aos do ano anterior. No entanto, até o momento não houve anúncio de novas projeções de crescimento por parte das entidades do setor, o que pode indicar redução no ritmo atualmente observado nos trimestres seguintes.

Vale ressaltar que em termos de peso de carcaças, no 1º semestre de 2016 registrou-se

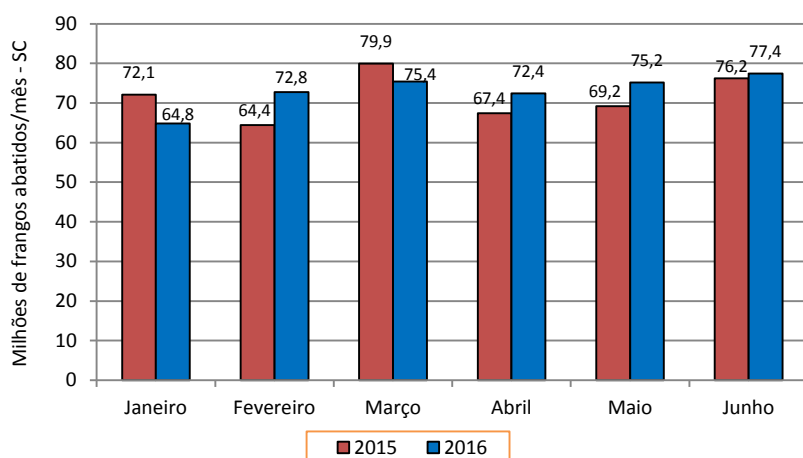
a produção de 6,699 milhões de toneladas, o que representa incremento de 4,29% em comparação com o mesmo período do ano anterior (ante um crescimento de 6,82% no número de animais), demonstrando que o peso médio de abate está menor.

Santa Catarina, que havia apresentado decréscimo de 1,59% no número de animais abatidos no 1º trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, no 2º trimestre registrou aumento de 5,72%. Levando-se em consideração os abates realizados em todo o 1º semestre, o número atual é 2,03% superior àquele registrado no 1º semestre de 2015. Na comparação com os seis meses iniciais de 2010 a 2016, o montante deste ano é o melhor resultado desde 2013.



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de frangos abatidos no 1º semestre em Santa Catarina (em milhões) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

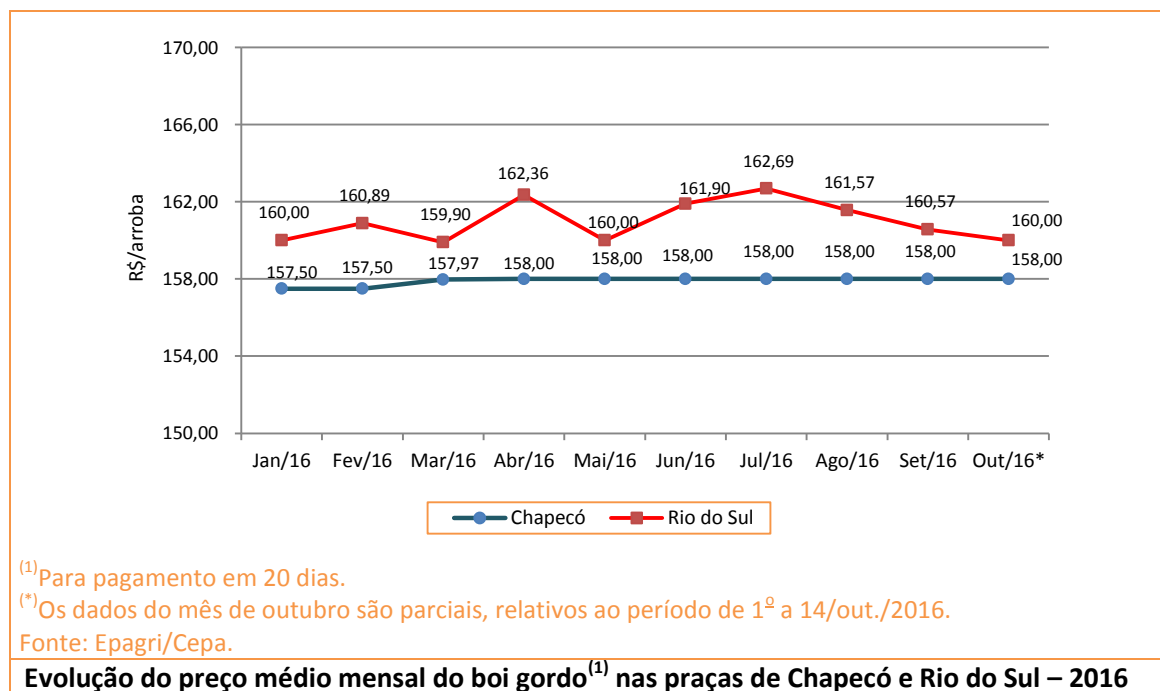
Quantidade de frangos abatidos mensalmente no 1º semestre em Santa Catarina (em milhões) – 2015 e 2016

A comparação entre os abates mensais catarinenses de 2015 e 2016 demonstra que no 2º trimestre os montantes do ano corrente superaram os do ano anterior em todos os meses, diferentemente do que ocorreu no 1º trimestre.

Em termos de peso de carcaça, no 1º semestre de 2016 se registrou a produção de 1,064 milhão de toneladas, montante que é apenas 0,25% superior àquele registrado no mesmo período do ano anterior.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br



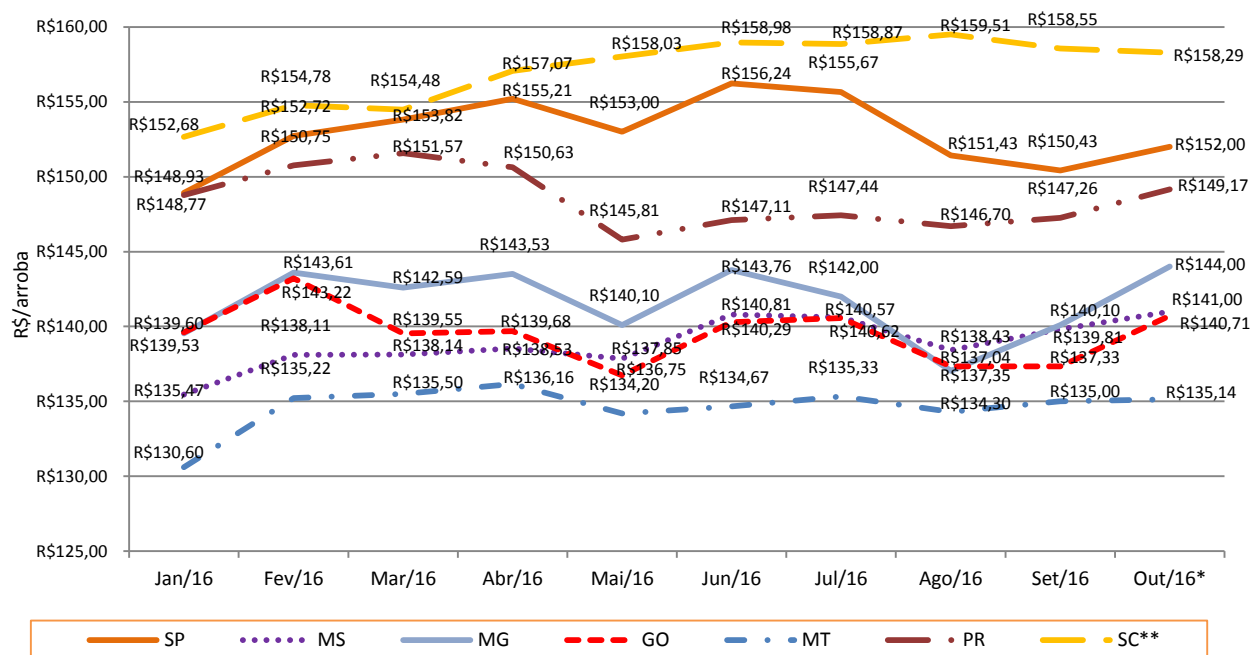
Mais uma vez o mercado do boi gordo apresenta relativa estabilidade em Santa Catarina, principalmente em Chapecó, onde o preço da arroba se mantém inalterado desde abril do corrente ano. O preço médio de outubro (preliminar) é 0,32% superior àquele praticado em Chapecó no mês de janeiro. Na compração com o outubro de 2015, a diferença é também de 0,32%.

Já em Rio do Sul, os preços têm apresentado algumas oscilações ao longo do ano, embora numa faixa relativamente estreita. Depois de atingir o pico em julho, os preços daquela praça registraram quedas sucessivas nos meses seguintes. O valor atingido em outubro (-0,35% em relação a setembro) é o mesmo de janeiro deste ano. Em relação a outubro de 2015, contudo, ainda se verifica vantagem de 2,72%.

Quanto ao cenário nacional, as primeiras semanas de outubro indicam crescimento nos preços em relação ao mês anterior, com alguns estados apresentando variações um pouco mais significativas. Dos sete estados analisados neste boletim, seis registram variações positivas até o momento, com média de 1,17%. Somente Santa Catarina apresenta variação negativa, embora pequena (-0,17%).

O estado com a maior alteração em outubro é Minas Gerais, com aumento de 2,79% no preço da arroba do boi gordo. Vale mencionar que em setembro Minas Gerais já havia registrado o maior aumento entre os estados analisados (2,23%). Na sequência, encontra-se Goiás (2,46%), seguido por Paraná (1,29%), São Paulo (1,04%), Mato Grosso do Sul (0,85%) e, por fim, Mato Grosso (0,11%).

Na comparação entre os preços médios preliminares de outubro e aqueles praticados em janeiro do corrente ano, Santa Catarina ainda apresenta a segunda maior variação positiva (3,67%), atrás apenas de Mato Grosso do Sul (4,08%). Também apresentam índices significativos Mato Grosso (3,48%) e Minas Gerais (3,20%). Na sequência, encontram-se São Paulo (2,06%), Goiás (0,80%) e, por último, o Paraná (0,26%). A variação média dos sete estados é de 2,48%.



* Os dados do mês de outubro são parciais, relativos ao período de 1º a 14/out./2016.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾ (2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016

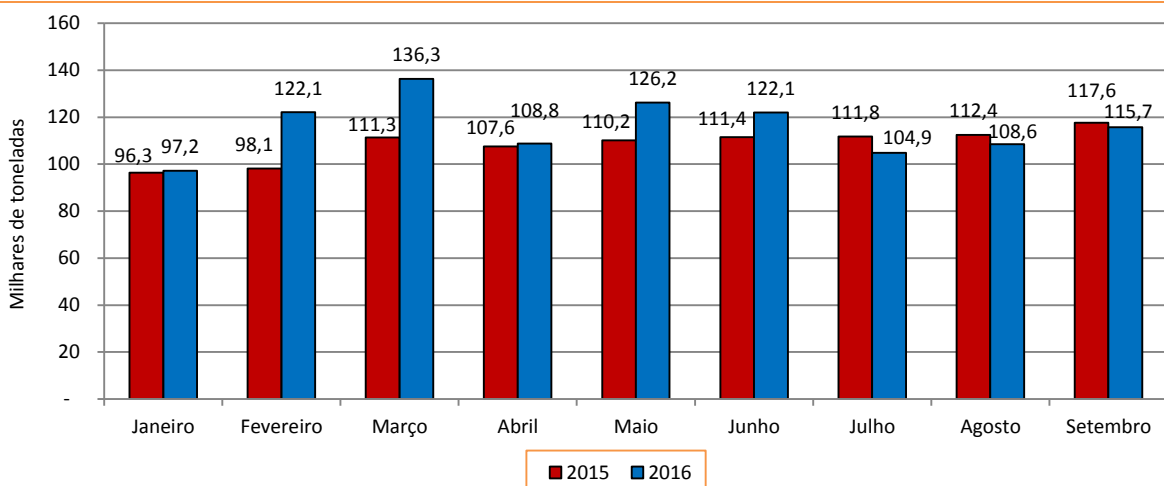
De maneira geral, a oferta de animais prontos para abate continua restrita. Contudo, a baixa demanda de carne por parte dos consumidores faz com que os frigoríficos limitem suas aquisições, o que tem evitado aceleração maior dos preços pagos ao produtor pela arroba do boi gordo.

No que diz respeito ao consumo, é possível observar efeitos distintos sobre os diversos cortes. Como forma de economizar, os consumidores têm priorizado os cortes dianteiros, cujo preço médio costuma ser menor, em detrimento dos cortes traseiros. Tal comportamento interfere na dinâmica de preços dos dois tipos de carne. Conforme apontam os dados da Epagri/Cepa, o preço dos cortes dianteiros no mercado atacadista da região de Chapecó, por exemplo, até o momento registra alta de 0,13% em outubro comparado ao mês anterior. Em agosto e setembro essa variação já havia sido de 0,11% e 1,13% respectivamente. Os cortes traseiros, por sua vez, registraram quedas sucessivas nos últimos meses: -1,25% em agosto, -0,67% em setembro e -0,67% em outubro (preliminar).

Diante da demanda retraída no mercado interno, as exportações têm-se constituído num importante canal de escoamento para os excedentes de carne bovina (da mesma forma como tem sido observado em relação às demais carnes).

De acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em setembro o Brasil exportou 115,7 mil toneladas de carne bovina, o que representa aumento de 6,53% em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com o mesmo mês de 2015, registra-se uma queda de 1,63%. Ainda assim, os números de 2016 são positivos: de janeiro a setembro foi exportado 1,04 milhão de toneladas, incremento de 6,7% na comparação com igual período de 2015.

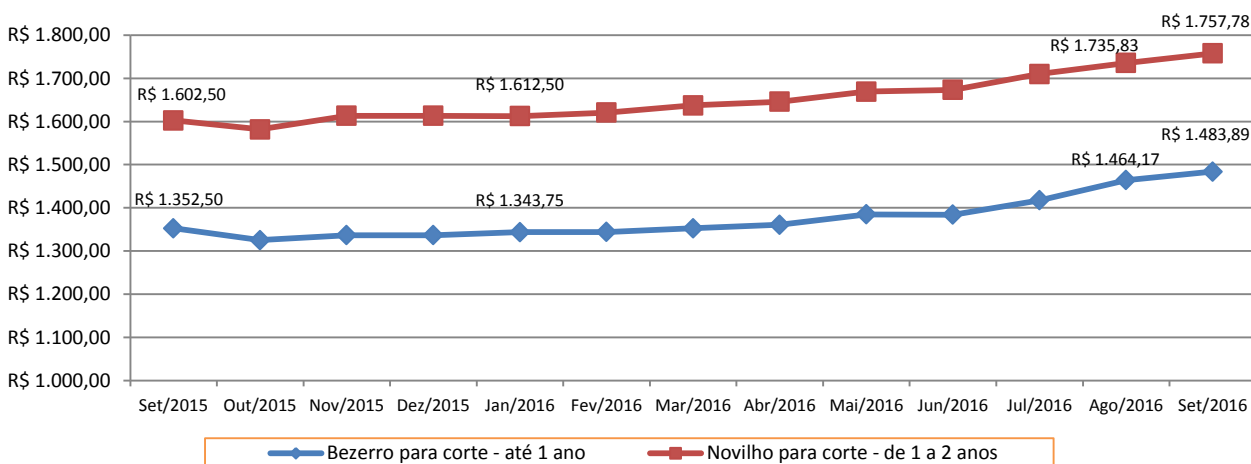
Já em relação aos valores, os dados do MDIC demonstram que até o momento o País exportou US\$4,05 bilhões em carne bovina, valor que está 3,8% abaixo daquele registrado para o mesmo período do ano anterior. Embora tenham ocorrido elevações em agosto e setembro, o valor médio da tonelada exportada em 2016 (US\$3.891,97) ainda está abaixo do patamar médio de 2015 (US\$4.256,74).



Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne bovina no período de janeiro a setembro de 2015 e 2016 – Brasil

Em relação aos animais de reposição, o gráfico abaixo mostra que as duas categorias seguem apresentando tendência de elevação de preços, não obstante a situação do mercado estadual do boi gordo.



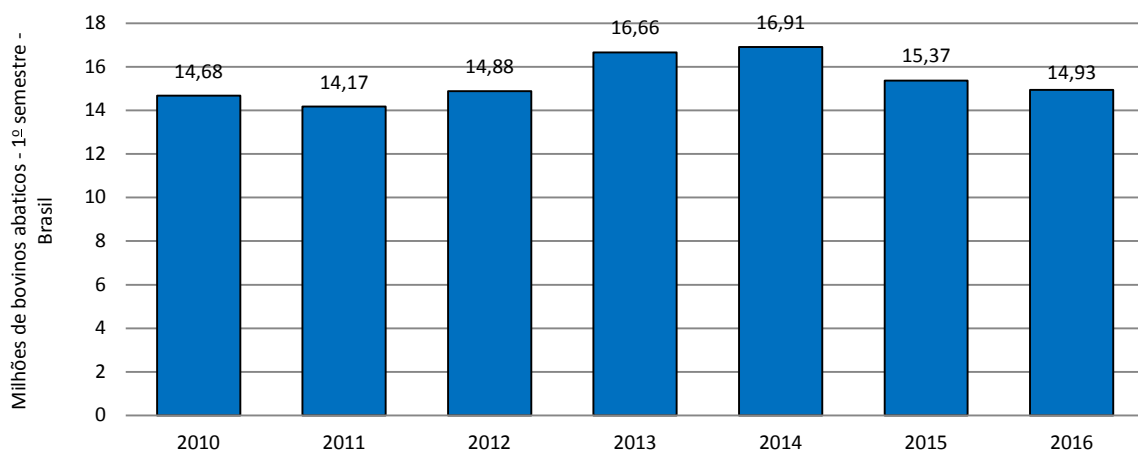
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2015 e 2016

Na comparação entre setembro/2015 e setembro/2016, verifica-se variação positiva de 9,71% no preço do bezerro e de 9,69% no do novilho. No mesmo período, o preço médio estadual da arroba do boi gordo sofreu variação de 6,89%. Em relação aos preços médios praticados em agosto deste ano, os valores de setembro são 1,35% e 1,26% superiores para o caso do bezerro e do novilho respectivamente.

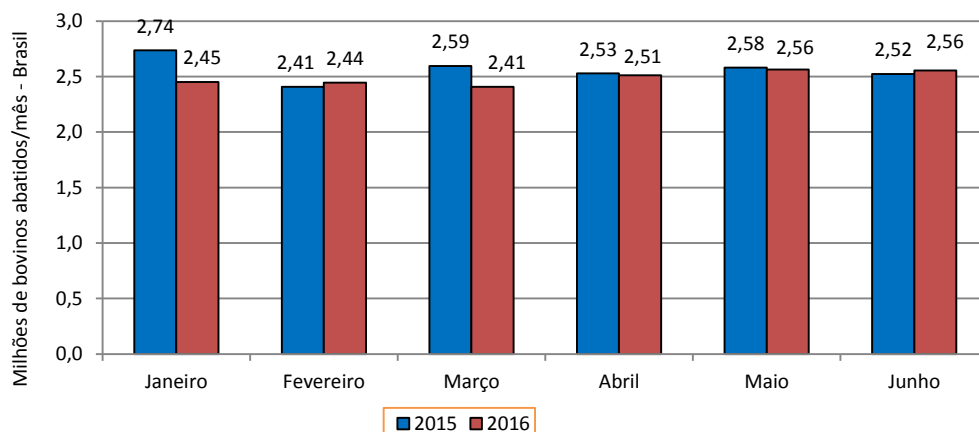
Em setembro, o IBGE divulgou os dados de abate de bovinos referentes ao 2º trimestre de 2016. No cenário nacional, embora o 2º trimestre também tenha registrado índice negativo em relação ao ano anterior, o percentual foi pequeno (-0,05%) e bem inferior àquele observado no 1º trimestre (-5,64%). No total do 1º semestre, o montante de 2016 é 2,86% menor que o mesmo período de 2015.

Levando-se em consideração o período 2010 a 2016, o 1º semestre deste ano apresenta os piores números desde 2013.



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de bovinos abatidos no 1º trimestre no Brasil (em milhões) – 2010 a 2016



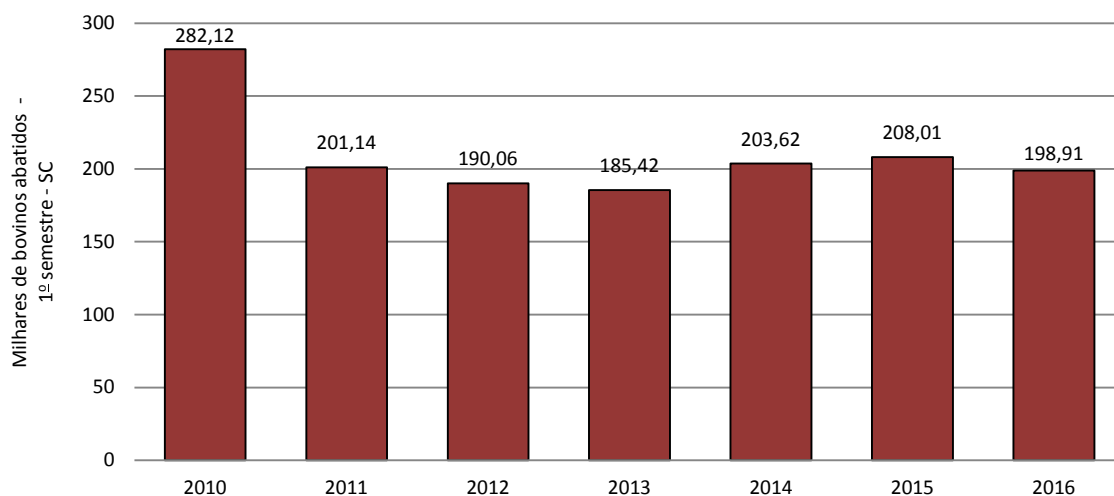
Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de bovinos abatidos mensalmente no 1º semestre no Brasil – 2015 e 2016

Ao analisar os dados mensais de abate do 1º semestre e compará-los a igual período de 2015, verifica-se que os montantes abatidos nos últimos três meses são bastante semelhantes nos dois anos.

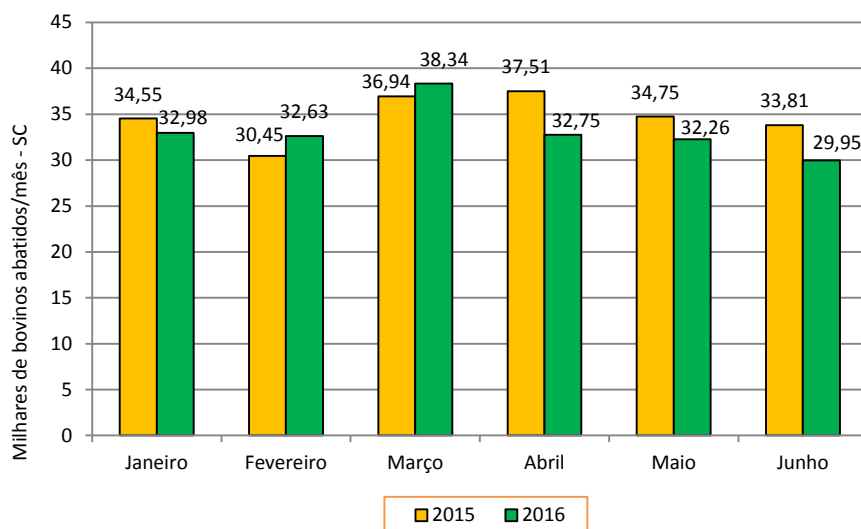
Em termos de peso, no 1º semestre de 2016 foram produzidos 3,7 milhões toneladas de carcaças bovinas, o que representa decréscimo de 0,44% em relação ao ano anterior. Já em Santa Catarina, onde no 1º trimestre havia sido registrado incremento de 1,97% nos abates, o cenário alterou-se significativamente no 2º trimestre, quando o número de bovinos abatidos foi 10,47% menor que no mesmo período de 2015.

O total de animais abatidos no estado no 1º semestre caiu 4,37% em relação ao ano anterior e constitui-se no pior resultado dos últimos 3 anos.



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de bovinos abatidos no 1º semestre em Santa Catarina – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de bovinos abatidos mensalmente no 1º semestre em Santa Catarina – 2015 e 2016.

Ao analisar a distribuição mensal dos abates, percebe-se que em todo o segundo trimestre o número de bovinos abatidos foi significativamente inferior em 2016 comparado com 2015.

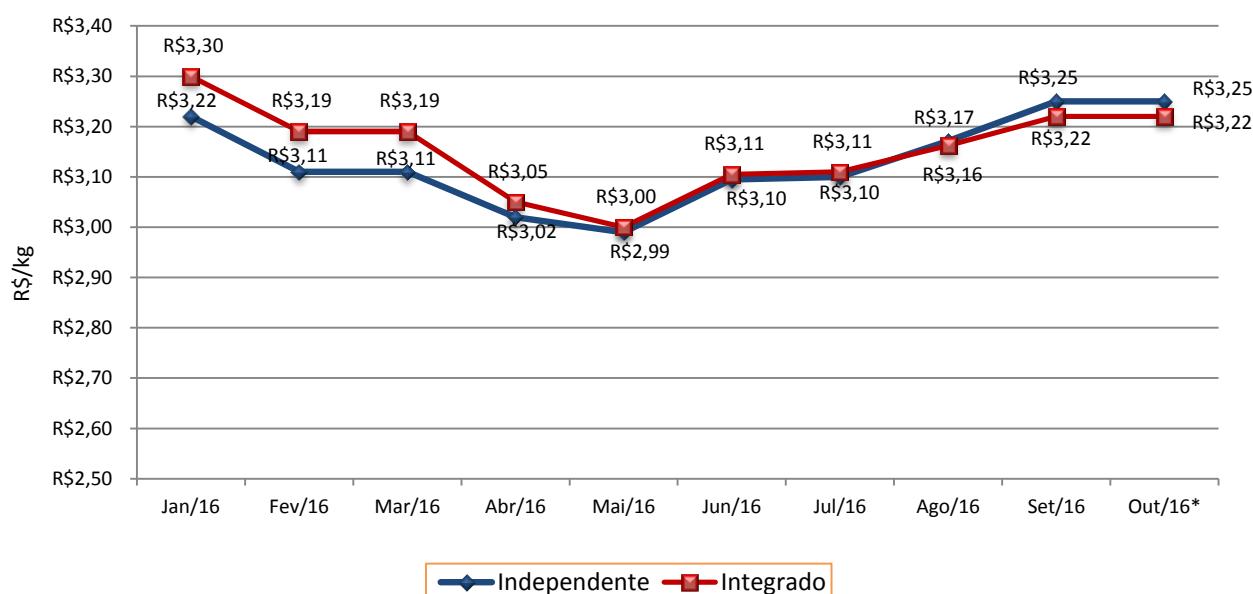
Em relação ao peso, no 1º semestre deste ano foi produzido no estado um total de 44,43 mil toneladas de carcaças bovinas, uma queda de 3,66% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Os preços do suíno vivo em Santa Catarina iniciaram o ano de 2016 em queda, movimento que perdurou até maio. A partir de junho os preços reagiram e iniciou-se uma sequência de elevações, até que se atingissem os valores médios de setembro, que só ficam atrás daqueles praticados em janeiro (considerando-se somente este ano). Contudo, há que se ressaltar que os atuais valores de R\$3,25 e R\$3,22/kg de peso vivo para o produtor independente e para o integrado respectivamente, começaram a ser praticados no início da 2ª quinzena de agosto, mantendo-se inalterados desde então.

Ao se comparar as médias preliminares de outubro (que são idênticas a setembro) com o mesmo mês de 2015, verifica-se defasagem de 7,41% para o produtor independente e de 6,4% para o integrado. Em relação a janeiro deste ano, os preços atuais apresentam variação de 0,93% e -2,42% para independentes e integrados respectivamente.



* Os dados do mês de outubro são parciais, relativos ao período de 1º a 14/out./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016

A tabela apresentada na sequência compara os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores no período de janeiro a outubro deste ano. De forma geral, os preços médios preliminares de outubro permaneceram relativamente estáveis nos estados analisados.

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016

Estado											(R\$/kg)	
	Jan./2016	Fev./2016	Mar./2016	Abr./2016	Mai./2016	Jun./2016	Jul./2016	Ago./2016	Set./2016	Out./2016 ⁽¹⁾	Variação set./out.	Variação jan./out.
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,39	3,97	4,43	4,16	4,15	-0,04%	-0,37%
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,58	3,22	3,68	3,60	3,66	1,60%	9,94%
Rio Grande do Sul	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,26	3,05	3,40	3,39	3,39	-0,24%	3,47%
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,10	3,11	3,17	3,24	3,24	0,00%	-0,77%
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,03	3,49	4,26	4,00	4,03	0,87%	4,46%

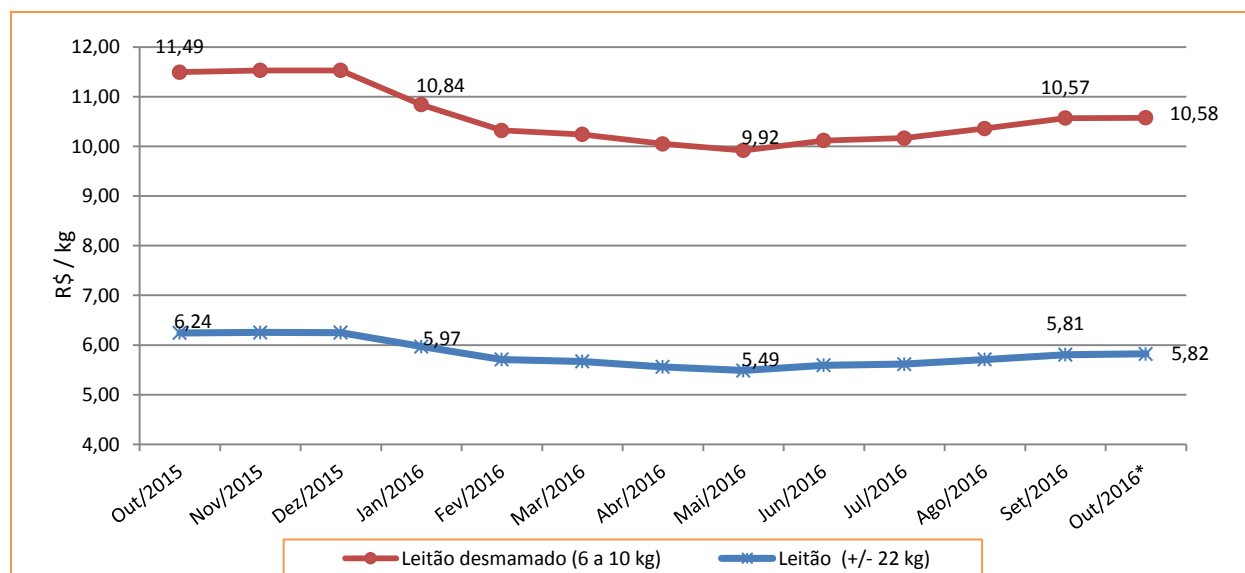
⁽¹⁾ Os dados do mês de outubro são parciais, relativos ao período de 1º a 14/out./2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes. Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

A maior variação foi observada no Paraná, que até o momento registra aumento de 1,60%, seguido por São Paulo, com 0,87%. Contudo, dois estados registraram pequenas quedas nos preços (Minas Gerais e Rio Grande do Sul). Em Santa Catarina, até o momento, não se registra nenhuma variação. Na média dos cinco estados, a variação foi de 0,44%.

Em relação aos preços de janeiro, a variação média é de 3,35%. Mais uma vez destaca-se o Paraná, cujo preço preliminar de outubro é 9,94% superior ao de janeiro. Santa Catarina apresenta a maior defasagem entre os cinco estados, com diferença de -0,77% entre os preços de outubro e janeiro.

De forma semelhante aos suínos terminados, o preço dos leitões apresenta grande estabilidade na primeira quinzena de outubro, cenário que já vem sendo observado desde meados do mês anterior. Em relação a setembro, as médias preliminares de outubro variaram somente 0,06% e 0,25% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg respectivamente. Na comparação com outubro de 2015, os atuais valores preliminares apresentam defasagens de 7,97% para os leitões de 6 a 10kg e 6,75% para os leitões de +/-22kg.



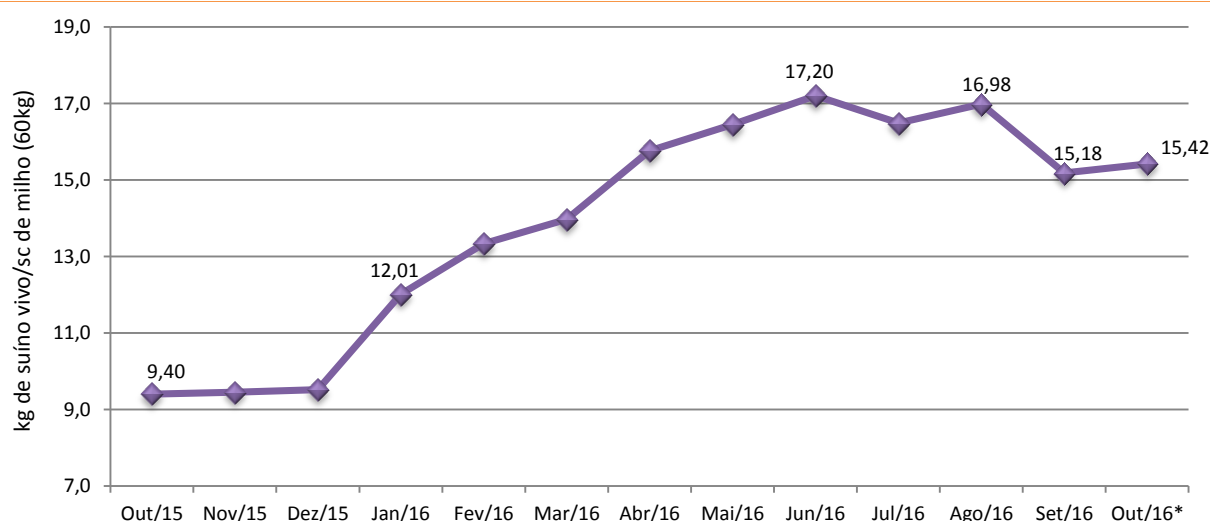
*Os dados do mês de outubro são parciais, relativos ao período de 1º a 14/out./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2015/16

Apesar da estabilidade nos preços dos suínos em Santa Catarina, a relação de troca insumo/produto voltou a registrar pequeno aumento em outubro. O principal fator responsável por esse resultado é o preço do milho, que registrou alta de aproximadamente 2% no início deste mês. Ressalta-se que, para o cálculo da relação de troca insumo/produto, se utiliza a média entre o preço para o produtor independente e para o produtor integrado do suíno vivo. Já para o milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó.

Em outubro a relação de troca aumentou 1,59%, atingindo 15,42 (vale destacar que os preços de outubro são preliminares e podem sofrer alterações ao longo da segunda quinzena). Em relação ao mesmo mês de 2015, o valor atual é 64,03% superior. Na comparação com janeiro deste ano, por sua vez, o valor atual é 28,41% superior.



*Os dados do mês de outubro são parciais, relativos ao período de 1º a 14/out./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2015/16

Conforme mencionado anteriormente, a variação registrada em outubro é decorrente da elevação no preço do milho. Em relação a esse aspecto, um dos fatores que contribuíram para tal cenário, apesar de algumas reduções na demanda decorrente do consumo animal no 2º semestre, foram as cotações internacionais, que permaneceram elevadas principalmente em função das expectativas do mercado quanto à safra de verão dos Estados Unidos, cuja colheita se iniciou em setembro. Na segunda semana de outubro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês) divulgou relatório periódico de oferta e demanda e aponta ligeira queda na produtividade (em relação à estimativa anterior) e nos estoques estado-unidenses de milho. Contudo, especialistas avaliam que tais números já eram esperados pelo mercado e não afetaram negativamente as previsões e expectativas.

Quanto ao cenário nacional, o 1º Relatório de Acompanhamento de Safra 2016/17, publicado pela Conab, aponta que, após quase uma década de declínio, as estimativas iniciais indicam aumento na área plantada com milho. Segundo a Conab, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho na 1ª safra, na temporada 2016/17, deverá apresentar acréscimo de área em relação à safra passada, com aumento entre 5,6% e 11,4%.

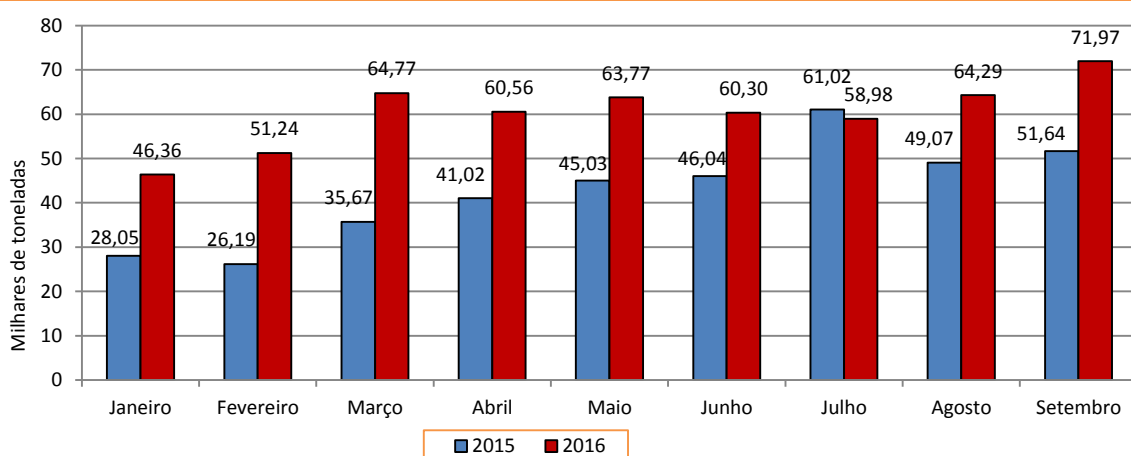
No caso de Santa Catarina, as projeções iniciais da Epagri/Cepa apontam um crescimento de 1,57% na área plantada para milho grão (1ª safra), o que, combinado a um incremento esperado de 7,96% na produtividade, deverá resultar numa produção 9,65% maior. A princípio, o incremento de área pode

parecer pouco significativo, mas é relevante destacar que se trata do primeiro número positivo registrado para esse parâmetro em mais de uma década.

A manutenção dos patamares de preço do milho, principal componente da ração animal, tem criado dificuldades para o setor em função do aumento nos custos de produção. A redução na demanda de diversas carnes, decorrente do cenário econômico desfavorável, dificulta o repasse do aumento de custos ao consumidor. Nesse cenário, as exportações têm contribuído de maneira decisiva para o escoamento dos excedentes.

As exportações seguem registrando números fortemente positivos, o que ajuda a minimizar o impacto negativo da demanda retraída no mercado interno. Conforme dados divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em setembro foram exportadas 72,97 mil toneladas de carne suína, maior volume num único mês em 2016. Esse montante também representa incremento de 11,95% em relação ao mês anterior e de 39,37% em relação ao mesmo mês de 2015. De janeiro a setembro foram exportadas 542,2 mil toneladas de carne suína, aumento de 41,31% em relação ao mesmo período de 2015. Um fato que chama a atenção é que durante todo o ano de 2015 foram exportadas 542,1 mil toneladas de carne suína. Isso significa que nos primeiros 9 meses deste ano já se superou o montante exportado em todo o ano passado.

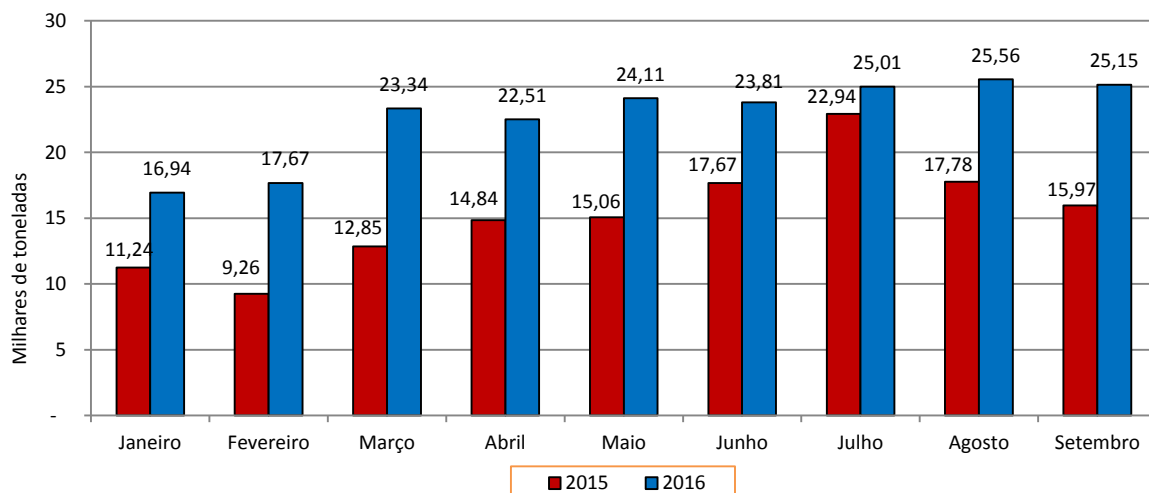
Em termos financeiros, os números de 2016 também são positivos, embora menos expressivos que aqueles referentes às quantidades. O valor exportado de janeiro a setembro em carne suína é de US\$1,05 bilhão, o que representa incremento de 12,25% em relação ao mesmo período de 2015.



Fonte: Aliceweb/MDIC (2016).

Exportações de carne suína no período de janeiro a setembro de 2015 e 2016 – Brasil

Do volume total de carne suína exportada pelo País este ano, Santa Catarina responde por 204,1 mil toneladas (34,95%). Em relação ao mesmo período de 2015, esse montante representa aumento de 48,35%. Em setembro o estado exportou 25,1 mil toneladas, uma queda de 1,6% em relação ao mês anterior, mas um aumento de 57,55% na comparação com o mesmo mês de 2015. Quanto aos valores, de janeiro a setembro Santa Catarina exportou US\$392,5 milhões em carne suína, aumento de 18,65% em relação ao mesmo período do ano anterior.

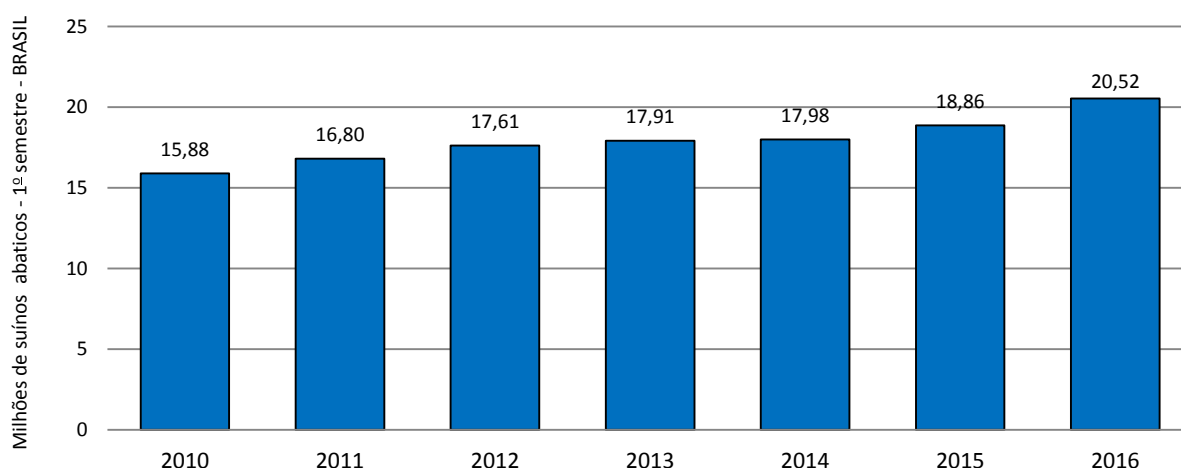


Fonte: Aliceweb/MDIC (2016).

Exportações de carne suína no período de janeiro a setembro de 2015 e 2016 – Santa Catarina

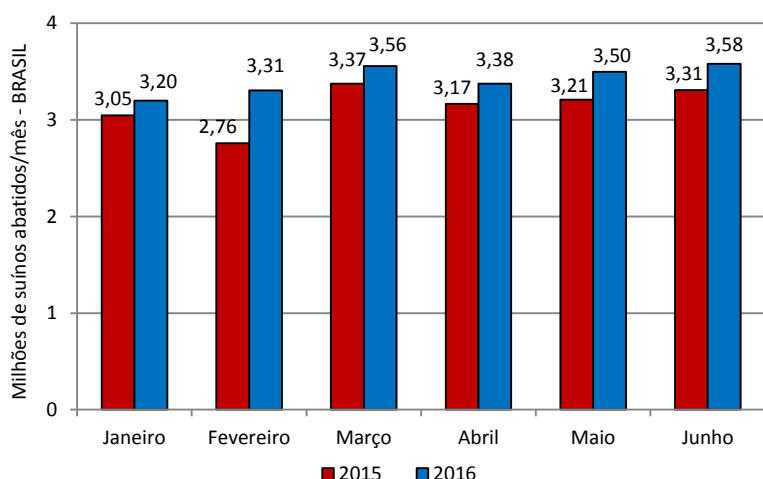
Em dezembro de 2015, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) projetava crescimento de 2% a 3% na produção de carne suína em 2016. Contudo, tendo em vista o cenário econômico desfavorável, o aumento nos custos de produção e a valorização do real ante o dólar, a entidade tem sinalizado para números um pouco mais modestos, embora ainda positivos. Entretanto, os dados de abate referentes ao 2º trimestre de 2016, divulgados pelo IBGE em setembro, demonstram que o número de suínos abatidos no País continua registrando crescimento significativo.

Durante todo o 1º semestre foram abatidos 20,52 milhões de suínos, aumento de 8,78% em relação ao mesmo período de 2015. Considerando-se os abates realizados a partir de 2010, o 1º semestre deste ano apresenta os melhores números para o período.



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de suínos abatidos no 1º semestre no Brasil (em milhões) – 2010 a 2016

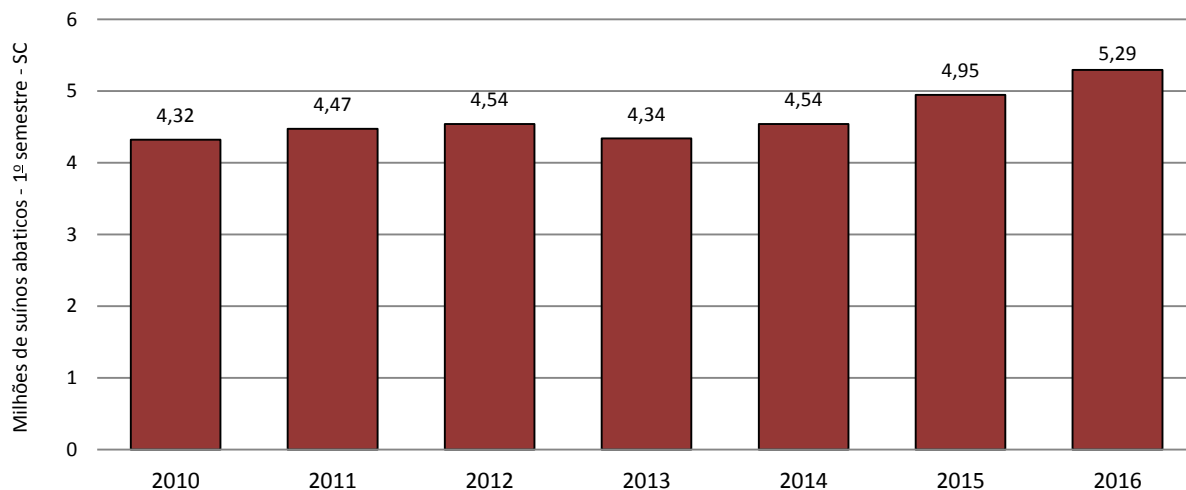


Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de suínos abatidos mensalmente no 1º semestre no Brasil (em milhões) – 2015 e 2016.

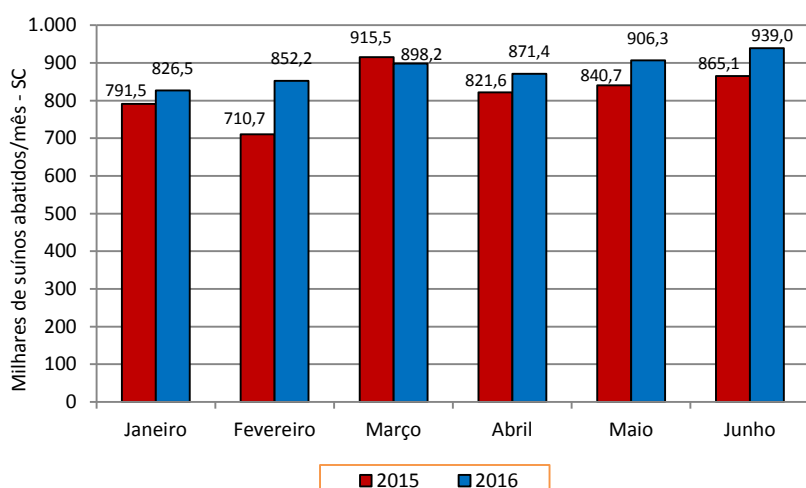
Conforme dados do IBGE, de janeiro a junho foram produzidos 1,8 milhão de toneladas de carcaça, o que representa aumento de 8,57% em relação ao mesmo período de 2015.

Santa Catarina também registrou aumento no número de suínos abatidos durante o 1º semestre deste ano, com crescimento de 7,05% em relação a igual período de 2015. Levando em consideração os anos de 2010 a 2016, o resultado do 1º semestre deste ano é o melhor do período.



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de suínos abatidos no 1º semestre em Santa Catarina (em milhões) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de suínos abatidos mensalmente no 1º semestre em Santa Catarina (em milhares) – 2015 e 2016

Na comparação entre os abates mensais de 2015 e 2016, observa-se que, com exceção de março, o ano corrente registra crescimentos em relação ao anterior.

No que diz respeito ao peso, os suínos abatidos no 1º semestre de 2016 produziram 480,5 mil toneladas de carcaça, o que representa incremento de 9,27% em relação ao ano anterior. Isso indica que o peso médio de abate foi um pouco superior em 2016 (levando-se em consideração que o número de animais abatidos cresceu somente 7,05%).

Por fim, apesar do consumo retraído, o preço da carne suína no mercado atacadista manteve-se estável em outubro se comparado ao mês anterior. O preço preliminar da carcaça suína na região de Chapecó (referente ao período de 1º a 14 de outubro), de acordo com dados da Epagri/Cepa, não sofreu nenhuma variação, mantendo-se em R\$6,60/kg. Esse valor representa incremento de 3,29% em relação ao preço praticado em outubro de 2015 e de 4,76% em relação àquele de janeiro deste ano.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Nas últimas semanas, o IBGE divulgou duas novas informações acerca da atividade leiteira brasileira: a produção total de leite de vaca de 2015 e a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas no segundo trimestre de 2016.

No que diz respeito à produção total de 2015, não se repetiu o que tem se visto ao longo de muitos anos; a produção decresceu em relação ao ano anterior. Embora o decréscimo seja de apenas 0,35%, não deixa de ser um sinal de que condições de mercado um pouco mais adversas passaram a se refletir de maneira mais imediata sobre a produção do que era comum alguns anos atrás.

O decréscimo na produção nacional é novo, mas não são novas as diferenças de comportamento na produção das unidades da federação e grandes regiões brasileiras. Nesse sentido, a Região Sul aumentou a diferença de sua produção em relação à da Região Sudeste e se consolidou na posição de maior produtora do Brasil, condição que ocupou pela primeira vez apenas em 2014.

Leite – Produção das grandes regiões e do Brasil – 1990/2015

Região	Bilhões de litros					Var. 1990-2015 (%)	Part. em 2015 (%)
	1990	2000	2013	2014	2015		
Sul	3,26	4,90	11,77	12,21	12,32	277,9	35,2
Sudeste	6,92	8,57	12,02	12,13	11,90	72,0	34,0
Centro-Oeste	1,70	3,08	5,02	4,94	4,80	182,4	13,7
Nordeste	2,05	2,16	3,60	3,89	4,14	102,0	11,8
Norte	0,56	1,05	1,85	1,95	1,83	226,8	5,2
Brasil	14,48	19,77	34,255	35,12	35,00	141,7	100,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

Os dados no âmbito dos estados mostram, por um lado, como ao longo dos anos recentes as taxas de crescimento da produção dos três estados da Região Sul se destacam em relação aos demais e, por outro, que os três estados tiveram crescimento bem parecidos entre si. Ainda assim, de 2014 para 2015 o Paraná superou o Rio Grande do Sul na posição de segundo maior produtor nacional. Santa Catarina se destaca com a segunda taxa de crescimento da produção entre 2010 e 2015 e reduziu novamente a diferença de produção para o estado de Goiás, que ainda figura como quarto produtor nacional, mas teve decréscimo de produção de 3,9% de 2014 para 2015.

Leite – Produção dos principais estados e do Brasil – 2010/2015

Estado	Bilhões de litros			Var. (%)	Part. (%)	
	2010	2014	2015	2010-15	2010	2015
MG	8,39	9,37	9,14	9,0	27,3	26,7
PR	3,60	4,54	4,66	29,6	11,7	12,9
RS	3,63	4,69	4,60	26,6	11,8	13,3
GO	3,19	3,66	3,52	10,2	10,4	10,4
SC	2,38	2,98	3,06	28,5	7,8	8,5
SP	1,61	1,74	1,77	10,5	5,2	4,9
BA	1,24	1,21	1,17	-5,5	4,0	3,5
PE	0,88	0,66	0,86	-2,5	2,9	1,9
RO	0,80	0,94	0,82	1,8	2,6	2,7
MT	0,71	0,72	0,73	3,6	2,3	2,1
Subtotal	26,43	30,51	30,34	14,8	86,0	86,9
Outros	4,29	4,62	4,67	8,7	14,0	13,1
Brasil	30,72	35,12	35,00	13,9	100	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

Quanto à quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas, com a divulgação dos dados do segundo trimestre de 2016, constata-se decréscimo de 6,4% em relação ao primeiro semestre de 2015, cuja quantidade também havia sido menor que a do primeiro semestre de 2014.

Leite adquirido pelas indústrias inspecionadas nos principais estados e no Brasil

Estado	Bilhões de litros			Var. (%)	
	1º semestre			1º semestre	
	2014	2015	2016	2014-15	2015-16
MG	3,29	3,19	2,97	-3,1	-7,0
RS	1,63	1,66	1,52	1,9	-8,7
PR	1,40	1,38	1,28	-1,4	-7,5
SP	1,22	1,23	1,20	0,7	-2,8
GO	1,32	1,23	1,09	-7,0	-10,9
SC	1,02	1,11	1,11	8,4	-0,4
RO	0,37	0,35	0,35	-5,9	-0,4
MT	0,32	0,28	0,27	-10,7	-3,3
RJ	0,26	0,26	0,27	2,2	1,6
BA	0,19	0,18	0,15	-6,5	-15,7
Subtotal	11,03	10,88	10,20	-1,4	-6,2
Outros	0,96	0,90	0,83	-5,7	-7,8
Brasil	11,99	11,78	11,03	-1,7	-6,4

Os dados referentes a 2015 e 2016 são preliminares.

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Leite.

Esse decréscimo na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas é que explica a trajetória de elevação nos preços aos produtores, que se iniciou no final de 2015 e se manteve até agosto último. Mais recentemente, contudo, a produção nacional passou a dar sinais de sensível recuperação, e os preços começaram a decrescer em setembro, o que se acentuou ainda mais neste mês de outubro.

Leite – Preço médio mais comum aos produtores catarinenses, no período de pagamento – 2013-16

Mês	R\$/litro posto na propriedade				Var. %	
	2013	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,75	0,85	0,75	0,91	-11,8	21,3
Fevereiro	0,75	0,83	0,73	0,95	-12,0	30,1
Março	0,75	0,85	0,76	1,02	-10,6	34,2
Abril	0,78	0,91	0,80	1,07	-12,1	33,8
Maio	0,81	0,94	0,87	1,11	-7,4	27,6
Junho	0,83	0,93	0,89	1,19	-4,3	33,7
Julho	0,88	0,93	0,91	1,29	-2,2	41,8
Agosto	0,91	0,93	0,93	1,52	0,0	63,4
Setembro	0,94	0,90	0,92	1,41	2,2	53,3
Outubro	0,94	0,84	0,90	1,24	7,1	38,9
Novembro	0,94	0,81	0,87	-	7,4	-
Dezembro	0,88	0,77	0,89	-	15,6	-
Média anual	0,85	0,87	0,85	-	-2,3	-

Fonte: Epagri/Cepa.

Embora as importantes reduções nos preços dos lácteos no atacado/varejo devam repercutir em recuperação de pelo menos uma parte do consumo perdido, em face do aumento do desemprego e da redução da renda real de boa parte da população brasileira, a reversão da tendência de queda nos preços aos produtores dependerá também de alguma redução da oferta interna, o que não é o caso deste momento.

